

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS - CCJE
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS - FACC



LUCIANA BRAGA GOMES

INTERCÂMBIO ESTUDANTIL E SUAS CONTRIBUIÇÕES
PARA O ALUNO DE ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro – RJ

2018

LUCIANA BRAGA GOMES

INTERCÂMBIO ESTUDANTIL E SUAS CONTRIBUIÇÕES
PARA O ALUNO DE ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Administração à Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FACC/UFRJ).

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Bruno de Faria

Rio de Janeiro – RJ

2018

LUCIANA BRAGA GOMES

INTERCÂMBIO ESTUDANTIL E SUAS CONTRIBUIÇÕES
PARA O ALUNO DE ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Administração à Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FACC/UFRJ) aprovada pela seguinte banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Bruno de Faria

Prof.^a Dr.^a Daniela Abrantes Ferreira

Rio de Janeiro, _____

*Aos meus avós,
meus primeiros mentores
no mundo dos saberes e das artes.*

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Bruno-Faria, inspiração para nós alunos tanto academicamente quanto como pessoa.

A todos os funcionários da Diretoria de Relações Internacionais da UFRJ que mesmo com os desafios diários me acolheram e acreditaram nesta pesquisa.

Àqueles que se dispuseram a doar seu tempo para as entrevistas, pelo altruísmo e também incentivo ao meu trabalho.

Aos meus colegas de turma e amigos, por todo apoio concedido durante o curso e para a realização desta pesquisa.

À minha mãe, que fez o possível e o impossível para me ajudar neste momento, assim como em toda a minha vida, e é uma pessoa extraordinária.

À minha irmã que mesmo com seus afazeres veio me auxiliar e que só por existir me faz muito feliz.

Ao meu pai, pessoa mais generosa e altruísta que eu poderia conhecer, por me acompanhar e vibrar comigo a cada conquista minha.

À minha tia-avó, que me criou e criou toda a família com sua doçura e carinho.

Ao amor da minha vida, meu marido, pelo incentivo, cuidado, parceria, paciência, e por sempre acreditar em mim, até quando eu perco a confiança em mim.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Número de alunos participantes do intercâmbio na UFRJ.....32

Tabela 2: Número de alunos matriculados na UFRJ por ano.....33

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Estudos sobre intercâmbio estudantil que apresentam percepção dos alunos.	14
Quadro 2: Principais motivos de integração internacional por aspecto.	24
Quadro 3: Embasamento teórico do roteiro.	29
Quadro 4: Caracterização dos Estudantes Entrevistados.	34
Quadro 5: . Verbalizações para a categoria busca por desenvolvimento profissional.	35
Quadro 6: Verbalizações para a categoria realização pessoal.	36
Quadro 7: Verbalizações para a categoria expectativas positivas.	37
Quadro 8: Verbalizações para a categoria de expectativas negativas.	38
Quadro 9: Verbalizações do representante da DRI sobre expectativas.	38
Quadro 10: Verbalizações para a categoria razões financeiras.	39
Quadro 11: Verbalizações para a categoria idioma.	40
Quadro 12: Verbalizações para a categoria razões acadêmico-profissionais.	41
Quadro 13: Verbalizações para a categoria características inerentes à localidade.	42
Quadro 14: Verbalizações para a categoria houve contribuição significativa.	43

Quadro 15: Verbalização do representante da DRI sobre benefícios do intercâmbio.	44
Quadro 16: Verbalizações para a categoria contribuição pouco relevante.	45
Quadro 17: Verbalizações para a categoria relação com os outros.	46
Quadro 18: Verbalizações para a categoria relação consigo.	47
Quadro 19: Verbalizações do representante da DRI sobre crescimento pessoal. ..	48
Quadro 20: Verbalizações para a categoria dificuldades financeiras.	49
Quadro 21: Verbalizações para a categoria dificuldades com burocracia.	49
Quadro 22: Verbalizações do representante da DRI sobre dificuldades.	50
Quadro 23: Verbalizações para a categoria questões culturais.	51
Quadro 24: Relato sobre uma situação de atentado terrorista.	52
Quadro 25: Verbalizações para a categoria problemas com acomodação.	52
Quadro 26: Verbalizações para a categoria questões de comunicação.	53
Quadro 27: Verbalizações para a categoria questões de ordem pessoal.	54
Quadro 28: Verbalizações de sugestões para o programa da UFRJ.	55
Quadro 29: Verbalizações do representante da DRI sobre desafios para a gestão do programa da UFRJ.	55

Quadro 30: Verbalizações do representante da DRI sobre reconhecimento da UFRJ.	56
Quadro 31: Verbalização sobre a qualidade do ensino percebida por um estudante.	56
Quadro 32: Verbalizações para a categoria impressão sobre o intercâmbio.	57
Quadro 33: Verbalizações para a categoria dificuldades encontradas no retorno.	58
Quadro 34: Verbalizações para a categoria de características positivas do local e da estadia.	59
Quadro 35: Síntese das categorias por grupo temático.	60

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo identificar as contribuições do intercâmbio estudantil para o aluno de Administração da Foram revisados artigos científicos sobre o tema, bem como legislação pertinente. Trata-se de pesquisa qualitativa, com emprego das técnicas de análise documental e entrevistas semiestruturadas. Foram entrevistados um representante do setor responsável pelo intercâmbio na UFRJ, e seis alunos do curso de graduação em Administração da UFRJ que passaram pela experiência nos 5 últimos anos. As informações obtidas dos documentos institucionais mostram que 223 acordos de cooperação internacional estavam vigentes em 2017, sendo que 85 destes contemplam intercâmbio, e que de 2011 a 2014, 667 alunos fizeram intercâmbio pelo programa da Universidade. A análise de conteúdo das entrevistas evidenciou as seguintes categorias dentre principais motivações para fazer intercâmbio: busca por desenvolvimento profissional, e realização pessoal. Em relação às expectativas com o intercâmbio e com o andamento do processo de intercâmbio, foram apontadas tanto expectativas positivas, mais relacionadas ao intercâmbio em si, quanto negativas, ligadas ao processo necessário. A relação de dificuldade e ansiedade com a burocracia para o caso de intercâmbio no formato de mobilidade acadêmica também foi descrita pelo representante da UFRJ. Quando perguntados sobre as razões para escolha da instituição e do destino, os entrevistados relataram principalmente o idioma falado no país do intercâmbio e categoria razões financeiras. Quanto às contribuições do intercâmbio para a formação acadêmica as respostas dividiram-se entre: houve contribuição, e contribuição pouco relevante, sendo a maior parte na primeira categoria. Todos os alunos consideraram que o intercâmbio contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal, guardando relação com as categorias: relação com os outros, e, autoconhecimento e autodesenvolvimento. Foram mencionadas muitas dificuldades enfrentadas durante o período de intercâmbio, a maioria correspondendo à categoria de questões culturais, tais como, frieza no tratamento pelo povo do local, xenofobia e racismo. Os alunos consideraram que o intercâmbio traz grandes contribuições, referindo-se à atividade com termos como “engrandecedora” e “enriquecedora”.

Palavras chave: Intercâmbio Estudantil, Mobilidade Acadêmica, Administração.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1. Contextualização do Assunto e Formulação do Problema	12
1.2. Objetivos.....	15
1.2.1. Objetivo Geral.....	15
1.2.2. Objetivos Específicos	15
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1. Visão Histórica e Panorama Global do Intercâmbio	17
2.2. Intercâmbio e Conceitos Correlacionados	21
2.3. O Intercâmbio na Legislação Brasileira.....	23
2.4. A Relevância e Impactos do Intercâmbio	24
4. METODOLOGIA	26
3.1. Tipo de Pesquisa	26
3.2. Documentos e Participantes do Estudo	26
3.2.1. Amostra de Documentos	26
3.2.1. Participantes do Estudo	27
3.3. Instrumento	27
3.4. Procedimento de Coleta e de Análise das Informações	29
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	31
4.1. O Setor e o Programa de Intercâmbio da UFRJ	31
4.2. Características dos Entrevistados e os Impactos do Intercâmbio	33
4.2.1. Motivações	35
4.2.2. Expectativas	36
4.2.3. Razões para Escolha da Instituição e Destino	39
4.2.4. Contribuições Acadêmicas	43
4.2.5. Contribuições para o Desenvolvimento Pessoal	45
4.2.6. Dificuldades na Preparação para o Intercâmbio	48
4.2.7. Dificuldades Enfrentadas Durante o Intercâmbio	50
4.2.8. A Mobilidade Acadêmica por Meio da UFRJ	54
4.2.9. Percepção sobre a Experiência	56

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	64
APÊNDICE A	69
APÊNDICE B	70

1. INTRODUÇÃO

O presente capítulo apresenta o contexto no qual está inserida a prática do intercâmbio, ressaltando a importância do estudo deste tema, a formulação do problema de pesquisa e os objetivos que o trabalho pretende atingir.

1.1. Contextualização do Assunto e Formulação do Problema

Fronteiras cada vez mais fluidas, mercados que se confundem e interligam em um grande mercado global, e comunicação em tempo real, têm exigido dos profissionais de administração alta qualificação e adaptabilidade às mudanças do ambiente (FREITAS et al., 2016).

Essas pressões externas levam alunos e profissionais de Administração a buscarem atividades que complementem sua formação e que os possibilitem desenvolver competências que estejam de acordo com exigências do mercado e também com suas aspirações pessoais. A tendência atual de autogerenciamento de carreira e os valores envolvidos nas escolhas profissionais aumentam a procura por experiências diversas, ultrapassando os limites da educação formal (GOMES et al., 2013).

Este contexto impulsiona as Instituições de Ensino Superior (IES) para processos de internacionalização, os quais, como apontam Amarante e Verdu (2015), visam enriquecer a capacidade de pesquisa e aprimorar o ensino e a extensão.

As Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Administração (BRASIL, 2005) preveem uma série de competências e habilidades, tais como, reconhecer e definir problemas, pensar estrategicamente, ter iniciativa e criatividade, que florescem na plenitude do tripé da Educação Superior previsto na Constituição Federal: ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 1988). Estes fundamentos da formação profissional abrem a possibilidade de realização do intercâmbio estudantil, também conhecido por mobilidade acadêmica no caso de ser realizado entre Universidades. O intercâmbio pode proporcionar experiências nos três aspectos citados, inclusive de forma concomitante, dada a característica inerente da atividade de trazer vivência teórica, prática e inserção em outra cultura e contexto social (DALMOLIN et al., 2013).

Dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) apontam para mais de 2,5 milhões de discentes estudando fora de seu país de residência, e estima-se que em 2020 esse número aumentará para 7 milhões (ALTBACH; REISBERG; RUMBLEY, 2009). Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD, 2017), estudantes internacionais representam 5,6% das matrículas no ensino superior, sendo as principais áreas de conhecimento procuradas as relacionadas a ciências, tecnologia, engenharia e matemática, além de administração e direito. A OECD mostra, ainda, que houve um aumento impressionante no número de alunos que estudam fora, que foi de 0,8 milhão no fim da década de 70 para 4,6 milhões em 2015.

A Belta, *Brazilian Educational and Language Travel Association*, uma associação que reúne as principais agências de intercâmbio brasileiras correspondendo, no momento, a mais de 75% do mercado de educação internacional, em uma pesquisa realizada por todo o Brasil verificou que, em 2016, o mercado de intercâmbio movimentou cerca de 2 bilhões de dólares. Também foi verificado que o brasileiro que sai com estes fins passou a investir 82% a mais em sua viagem do que no ano anterior.

Fatores como câmbio favorável, qualidade de vida, adoção de políticas que favorecem aos estudantes combinar atividades de estudo e trabalho, boa infraestrutura de acolhimento e facilidade no processo de visto, se configuram como os mais proeminentes na escolha de um destino pelos brasileiros, como foi apontado na pesquisa da Belta.

No ano de 2014 o Brasil foi o décimo lugar no ranking de países dos quais mais saem pessoas para estudar nos Estados Unidos da América (EUA), com mais de 13.000 alunos, mas em 2017 não se manteve entre os que mais levam alunos para lá, embora tenha enviado 13.089 alunos (INSTITUTE OF INTERNATIONAL EDUCATION – IIE, 2014, 2017). No entanto, é importante ressaltar que a observação de 2014, assim como a pesquisa da Belta, foram realizadas na plena vigência do programa do Governo Federal Ciência sem Fronteiras, que disponibilizava bolsas para alunos intercambistas, o qual foi descontinuado e, portanto, é esperada redução na movimentação de estudantes.

Apesar do grande mercado e da tendência de internacionalização das universidades, os dados sobre intercâmbio estudantil e estudos científicos relacionados ao tema, dada a sua complexidade, podem ser aprimorados e

ampliados, em especial, os da América Latina e do Brasil (MEDEIROS; ANDRADE; PASSOS, 2017). A visão sobre o tema é em grande parte tácita e relacionada à noção histórica da troca de conhecimento entre universidades como benéfica às partes. O Quadro 1 mostra os principais estudos sobre intercâmbio estudantil que buscaram verificar as percepções dos intercambistas.

Quadro 1. Estudos sobre intercâmbio estudantil que apresentam percepção dos alunos.

Autor (es)	Periódico/ Editora	Ano	Nº de alunos	Visão geral sobre o intercâmbio
Bachner e Zeuschel	Council on International Educational Exchange	1994	661	A atividade favorece habilidades, empatia, autoconhecimento, contribui academicamente, dentre outros.
Eiras	Universidade Estadual de Campinas	2009	31	Intercâmbio proporciona ricas experiências acadêmicas e culturais.
Hoof e Verbeteen	Journal of Studies in International Education	2005	1.487	Estudantes consideraram a experiência positiva.
Medeiros, Andrade e Passos	Administração: Ensino e Pesquisa	2017	8	Experiências marcadas por amizades, aventuras, conhecimento, etc.
Mutlu	Journal of Education Culture and Society	2011	502	Estudantes consideraram muito positivo, além de agradável e produtivo
Silva	Escola Superior de Propaganda e Marketing	2013	71	Os significados atribuídos a experiência foram: independência adaptação, colocação profissional, etc.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Diversas universidades a exemplo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), possuem convênios com universidades no exterior, tornando propícia a troca de conhecimento. Há também, grande variedade de programas de intercâmbio com outros focos, por exemplo, para que o indivíduo aprenda uma nova língua, trabalhe em outro país ou faça ações voluntárias tais como os programas de instituições *Association Internationale des Etudiants en Sciences Economiques et Commerciales* (AIESEC), *International Association of Language Centres* (IALC), *Federation of Education and Language Consultant Associations* (Felca). Assim, mesmo os que não saem por intermédio de seu curso universitário, estão diante de muitas possibilidades de aprendizado, com o benefício de enriquecer seu currículo.

Buscando diferenciar-se profissionalmente e aumentar sua gama de conhecimentos e habilidades, alunos de diferentes cursos de graduação e de todo o

País procuram o intercâmbio sendo muitos deles contemplados por programas governamentais como o Marca, que tem como objetivos: melhoria da qualidade acadêmica, por meio de sistemas de avaliação e acreditação, e a mobilidade de estudante, docentes e pesquisadores entre instituições e países, em especial os do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL). A disponibilidade de programas de incentivo faz com que mais pessoas tenham acesso a esta oportunidade, como foi o caso do Ciência sem Fronteiras, que visava a expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira, por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional. O programa concedeu aproximadamente 78.000 bolsas de “graduação sanduíche”, ou seja, mobilidade acadêmica na graduação, sendo instituído em 2011 e encerrado em 2017 (MARQUES, 2017; BRASIL, 2011).

Diante do exposto, este estudo procura elucidar a seguinte questão: “Como o intercâmbio estudantil pode contribuir para o aluno de Administração em uma Instituição Federal de Ensino Superior?”.

Este estudo busca preencher algumas das lacunas de conhecimento acerca do tema, com foco no que o programa é capaz de trazer para a formação do administrador, enquanto atividade que complementa a graduação, assim como para o desenvolvimento pessoal. Os resultados apresentados podem contribuir para uma melhor compreensão da situação atual, e para dar subsídios às Universidades para ações visando melhoria de seus programas.

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo Geral

Identificar as contribuições do intercâmbio estudantil para o aluno de Administração em uma universidade pública brasileira.

1.2.2. Objetivos Específicos

- a) Caracterizar os aspectos legais relacionados com a prática do intercâmbio estudantil;

- b) Especificar os aspectos de regulamentação adotados pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e as características do seu setor e programa de intercâmbio;
- c) Descrever os principais achados das pesquisas empíricas sobre intercâmbio estudantil;
- d) Comparar a visão dos alunos entrevistados com o relatado pelo responsável do setor de intercâmbio da UFRJ.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo versa sobre o histórico do intercâmbio e sobre o contexto da atividade nos diferentes continentes e, em especial no Brasil. São apresentados conceitos relacionados ao tema, a legislação pertinente e os principais achados da literatura científica.

2.1 Visão Histórica e Panorama Global do Intercâmbio

O processo de intercâmbio é muito antigo e vem sendo feito na Europa há séculos, tendo raízes no Renascimento. Neste período, as viagens eram vistas como importantes ao desenvolvimento intelectual, inclusive, considerada como a época dourada da mobilidade estudantil. Há documentação, desde o século XIV, que mostra a movimentação de pessoas às universidades e também monastérios de países distintos, para estudar (CALVO, 2017).

As disputas políticas da Reforma e da Contrarreforma impuseram um hiato no intercâmbio de estudantes que foi retomado depois com o *Grand Tour* (CALVO, 2017). Tal fenômeno da cultura europeia típico do século XVIII, o qual consistia em viagens para complementação dos conhecimentos culturais em países com maior fonte cultural, é uma mostra do que se esperava em termos de status social e intelectual pela sociedade, já naquela época (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010).

Após o período do *Grand Tour*, os países passaram a buscar fortalecimento de sua identidade, houve um momento de nacionalismo pungente que gerou retrocesso nas relações culturais e científicas, inclusive no processo de intercâmbio entre nações. O prejuízo à integração europeia foi ainda maior em função das duas Guerras Mundiais, e a Europa só tornou a se integrar após 1945, com algumas estruturas de colaboração estabelecidas (CALVO, 2017).

O intercâmbio de discentes, assim como o de docentes e pesquisadores, sofreu intensificação a partir de meados do século XX, muito vinculado às facilidades advindas da globalização, como a maior rapidez nas comunicações e ampliação do acesso a viagens internacionais (SOLANAS, 2014; CORREA-LIMA; RIEGEL, 2015).

Em 1976 surgem os Joint Study Programs (JSP), os quais visavam ações de cooperação e vínculos estáveis interuniversitários, precursores diretos do programa European Community Action Scheme for the Mobility of University Students,

conhecido como Erasmus. À despeito dos movimentos globais de acordos de cooperação internacional entre universidades, existiam problemas com a falta de financiamento para estudantes no exterior, e discriminação de alunos estrangeiros, os quais pagavam matrículas mais altas em muitos casos. O Tribunal Europeu de Justiça promulgou várias sentenças em função dos casos citados e isto também contribuiu para a criação do programa Erasmus em 1987, um dos mais reconhecidos programas de intercâmbio. Seu nome se dá em homenagem a Erasmus de Roterdã, humanista que realizou diversas viagens de cunho educativo. O programa, até os dias atuais, continua propiciando o estabelecimento de intrincada rede de colaboração entre departamentos de universidades, para maior integração dos currículos e mobilidade de acadêmicos (CALVO, 2017).

Em todo o mundo, as universidades passam por um complexo processo de internacionalização, com destaque especial às universidades europeias participantes do Processo de Bolonha. A instauração da União Europeia (UE) fortaleceu as relações de troca entre os países participantes e, embora inicialmente não tivesse o propósito de regulamentar a educação superior, ao consolidar os membros em um bloco econômico-social, tornou-se grande facilitador quando surgiu a demanda por um ensino unificado. Alemanha, Itália, Grã-Bretanha e França elaboraram a Declaração de Sorbonne acerca da criação de uma Área de Educação Superior Europeia, a qual serviu de base para a Declaração de Bolonha, em 1999 (NEVES, 2011).

O Processo de Bolonha visa harmonizar o ensino superior europeu de forma a aumentar a competitividade do sistema de ensino superior, e promover a mobilidade e empregabilidade dos graduados por toda a Europa. Em 2011, já contava com 47 países. Foram estabelecidas várias metas, mas o procedimento de implementação era responsabilidade da política educacional de cada país, havendo, desta forma, certa autonomia. Por outro lado, a proposta de garantia de qualidade obrigou as IES a se adequarem aos sistemas de avaliação e acreditação estabelecidos. Mesmo diante de diversas contrariedades, o processo acabou por gerar infraestrutura e condições para receber alunos de mobilidade acadêmica de outros países além dos europeus (SOLANAS, 2014; NEVES, 2011).

Apesar da tradição europeia no que diz respeito ao intercâmbio acadêmico, outros locais se tornaram grandes polos, tanto para o recebimento quando para o envio de estudantes ao exterior, em especial a América do Norte, que caminhou para a proeminência global com o fim da Segunda Guerra Mundial. Nos EUA, o governo

impulsionou o intercâmbio educacional como instrumento diplomático e de propaganda e, assim, o número de alunos estrangeiros teve extraordinário aumento. As universidades estadunidenses se firmaram no topo dos rankings internacionais com grandes contribuições dadas pelos alunos do exterior. Desta forma, se estabeleceu um círculo virtuoso ao concentrar capital humano e social fortalecendo as universidades de pesquisa dos EUA e, com isso, aumentar a influência global deste país no que concerne a atividade no campo de conhecimentos (O'MARA, 2012). Mais recentemente, dada a percepção da necessidade de compreender outras culturas em função da globalização, além de um maior número de alunos dos EUA buscando a experiência de intercâmbio, tal país tem incentivado também a saída de seus estudantes e buscado compreender as motivações para se estudar fora (STROUD, 2010).

O fenômeno de mobilidade estudantil internacional ainda é muito desequilibrado, há nítida concentração nos países do Norte, ou nos considerados centrais socioeconomicamente, em comparação aos periféricos e ao Hemisfério Sul de modo geral (LIMA; MARANHÃO, 2009). Além disso, os autores evidenciam que os países periféricos ou semiperiféricos, considerando fatores geopolíticos, econômicos e culturais, mostram um contraste interno, enviando uma proporção bem maior de estudantes do que recebem.

Na Ásia, em 2010, a China acolheu 71.673 alunos e enviou ao exterior 562.889, a Índia, por sua vez, 12.374, enviando 200.621, e, a Coreia do Sul recebeu 59.194 e enviou 126.447, demonstrando a diferença entre os fluxos de saída e entrada já citada (UNESCO, 2012). Países asiáticos têm mostrado crescente interesse em atrair alunos de fora e procurado promover a mobilidade. O programa Collective Action for Mobility Program of University Students in Asia (CAMPUS), de 2011, é uma importante iniciativa que visa o intercâmbio de estudantes entre China, Japão e Coreia do Sul, inclusive por meio de diplomação dual ou conjunta, e tem buscado contínuo aperfeiçoamento por meio de abrangente coleta de dados e avaliação (KIM, 2017).

Na Austrália e Nova Zelândia os governos têm dado mais ênfase no processo de internacionalização e no intercâmbio, porém, o crescimento do número de programas nos dois países no período de 1996 até 2001 foi bastante singelo, e o percentual de australianos e neozelandeses indo estudar fora é ainda baixo (DALY; BARKER, 2005; DALY, 2011). Entretanto, esses países continuam sendo eixos importantes para recebimento de estudantes (OECD, 2017).

As dificuldades em acompanhar a demanda crescente pela educação de nível superior em vários países africanos têm levado muitos indivíduos a saírem de seus países de origem para estudar. Apesar da pouca literatura no que se refere à mobilidade estudantil na África, a região é a que apresenta a maior proporção de alunos de graduação que vão estudar no exterior (KRITZ, 2013). O fenômeno de internacionalização das IES também impactou alguns países deste continente, por exemplo, o número de estudantes internacionais na África do Sul, mais do que quadruplicou desde o início do período democrático, e as universidades sofrem grande pressão para oferecer currículos que preparem os estudantes para um contexto globalizado e hiperconectado (KISHUN, 2007).

A América Latina reconhece a relevância da dimensão internacional da educação, e poderia usufruir de inúmeros benefícios no acesso a novos conhecimentos, porém, o processo está pouco estruturado em função da escassez de recursos e estruturas governamentais, o que o torna dependente aos interesses privados principalmente (CORREA-LIMA; RIEGEL, 2015). Conforme exposto, a assimetria entre países centrais como os da Europa e os EUA e países não centrais, como os latino-americanos, chama atenção: em 2008, saíram 177.995 estudantes da América Latina por mobilidade acadêmica e foram recebidos 57.709, enquanto a América do Norte e Europa Ocidental enviaram 486.981 alunos, acolhendo 1.841.933 (ALTBACH; REISBERG; RUMBLEY, 2009).

Considerando-se o Brasil, é possível notar que o financiamento e políticas públicas, até 1990, enfatizavam os cursos de pós-graduação *stricto sensu*, ou seja, o intercâmbio era predominante entre pesquisadores de mestrado, doutorado e pós-doutorado (LIMA; MARANHÃO, 2009). A partir da década de 90, os estudantes passaram a buscar diferenciação mais cedo, valorizando-se cada vez mais a experiência de intercâmbio na graduação, mas a pequena quantidade de bolsas restringiu a busca pela atividade aos estudantes de classes socioeconômicas elevadas, pela dificuldade em se autofinanciar dos estudantes de outras classes (CORREA-LIMA; RIEGEL, 2015).

A ampliação do acesso que ocorreu por causa do programa Ciência sem Fronteiras mostra que os estudantes brasileiros possuem bastante interesse para estudar no exterior, porém ainda dependem de financiamento e incentivo, os quais, se proporcionados, poderiam reduzir o abismo entre o interesse dos alunos no intercâmbio e a concretização da atividade.

2.2 Intercâmbio e Conceitos Correlacionados

O dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2008-2013) conceitua a palavra intercâmbio como “estabelecimento de relações recíprocas de ordem cultural, comercial, social, etc. entre nações ou instituições”, evidenciando assim a ideia de troca e tornando possível inferir um benefício mútuo das partes envolvidas. O Brasil mantém relações diplomáticas e comerciais com diversos países tendo em vista esse benefício mútuo. Isso abre portas para a movimentação de pessoas entre eles, inclusive em função das atividades típicas da formação superior, ensino, pesquisa e extensão (SPEARS, 2014).

A ideia central de movimentação com saída de seu país para um objetivo específico relacionado a estudos ou pesquisa permeia as definições de intercâmbio estudantil, acadêmico e mobilidade acadêmica em todo o mundo. De acordo com Kelo, Teichler e Wächter (2006, p.5) “*exchange students*”, que corresponde à estudantes de intercâmbio, são conhecidos como estudantes que cruzam as fronteiras nacionais com o propósito de ou no contexto de seus estudos.

O termo intercâmbio internacional também pode ser uma designação genérica para programas de mobilidade, dentre eles os de disciplinas em cursos do ensino médio e superior, de aprendizagem ou aperfeiçoamento linguístico e de experiência de trabalho (CORREIA-LIMA; RIEGEL, 2015; NOGUEIRA, 2004; PRADO, 2004).

Na visão de Dalmolin et al. (2013, p.443):

Num sentido amplo, o intercâmbio pode ser entendido como forma de trocar informações, crenças, culturas, conhecimentos. Nesse sentido, a experiência de viver em outro país proporciona conhecer hábitos diferentes e específicos, abre novas perspectivas, auxilia na superação de dificuldades, pois o intercambista precisa se adaptar ao ambiente, enfrentar desafios e crescer (...).

Segundo Palma (2013, p.62), mobilidade acadêmica faz referência ao “deslocamento de pesquisadores, docentes e alunos entre instituições educativas nacionais e estrangeiras, com o objetivo de participar em programas de formação e projetos de investigação específicos”. Tal atividade pode ser desenvolvida pela iniciativa dos próprios indivíduos ou como parte de projetos, e normalmente se refere a trabalhos interinstitucionais nacionais ou internacionais.

O conceito citado anteriormente é complementado pelo de Santos e Dias (2012, p.176) no qual a mobilidade acadêmica:

Permite ao estudante estabelecer um vínculo temporário com a instituição receptora, retornando à Instituição ao final do período de afastamento previamente autorizado pelo colegiado de curso, para dar prosseguimento à sua formação acadêmica. A mobilidade acadêmica se difere da transferência na medida em que o estudante permanece vinculado à instituição de ingresso.

Outra definição de mobilidade acadêmica que se aproxima da anterior é a de Silva (2013, p. 43), adaptada da UNESCO, em que a prática é tida como “um período de estudo, ensino e ou pesquisa em um país que não seja o país de origem do estudante (...). Este período é de duração limitada, e prevê-se que o estudante ou funcionário retorne ao seu país de origem após a conclusão do período designado”.

A integração universitária em nível internacional, conforme Eiras (2009, p.9), promove:

A mobilidade (de estudantes e professores) e a cooperação acadêmica tendo como principais objetivos: a intensificação da cooperação nos setores sociais e econômicos dos países envolvidos no processo de integração, a oferta de subsídios para a manutenção da competitividade nos mercados mundiais, através da melhoria de seus sistemas de ensino superior e de treinamento, o desenvolvimento nos países membros de uma melhor compreensão dos sistemas cultural, econômico e social dos demais países da região e a integração educacional superior relacionada à formação de conhecimento e reconhecimento de profissionais.

Em função de suas características e objetivos, e dada a relação intrínseca da mobilidade com a internacionalização universitária e cooperação entre instituições, Solanas (2014) aponta o fato de a mobilidade de docentes, discentes e pesquisadores contribuir, também, com fluxo cognitivo e gerar várias mudanças institucionais nas diferentes IES, seja pelo desenvolvimento da logística de recepção de acadêmicos ou pela adaptação das IES às dinâmicas geradas pela contínua movimentação destas pessoas.

O intercâmbio estudantil, neste trabalho, é definido como a movimentação de estudantes para fora de seu país de residência, objetivando aprendizagem e vivências para fins de qualificação, ampliação de conhecimento e desenvolvimento pessoal e profissional, tendo como base o delimitado pelo Ministério do Turismo (2010). O intercâmbio acadêmico ou mobilidade acadêmica, por sua vez, possui grande interseção com o conceito de intercâmbio estudantil apresentado, entretanto, para este trabalho, será considerada apenas sua dimensão de relacionamento internacional dentro do conceito de Palma (2013), exposto anteriormente e apenas a mobilidade de estudantes de cursos de graduação.

2.3. O Intercâmbio na Legislação Brasileira

No Brasil, ainda não há lei específica acerca de intercâmbio e/ou mobilidade acadêmica, embora haja algumas disposições sobre esta temática dispersas em leis, decretos e outras normas e publicações governamentais. A Constituição Federal (BRASIL, 1988), em seu Artigo 207, faculta às universidades admitir professores, técnicos e cientistas estrangeiros, demonstrando que o legislador tem conhecimento da prática destas instituições no que se refere ao intercâmbio de profissionais e pesquisadores, embora não tenha incluído os discentes.

É possível verificar a previsão de orçamento para programas de intercâmbio no disposto na Lei 13.005 de 2014 (BRASIL, 2014) sobre o Plano Nacional de Educação (PNE), no qual consta no art. 5º, par. 4º, que o investimento público em educação engloba “(...) os recursos aplicados nos programas de expansão da educação profissional e superior, inclusive na forma de incentivo e isenção fiscal, as bolsas de estudos concedidas no Brasil e no exterior (...)”.

Não existe um ministério responsável por estabelecer previsão e regulamentação da atividade, há normas e ações tanto do Ministério do Turismo quanto do Ministério da Educação e Cultura (MEC), e isto pode ser um dos fatores que contribui para que as informações não se encontrem consolidadas. O Governo vem estabelecendo diversos acordos entre países para promoção de programas de intercâmbio, geralmente em iniciativas isoladas, como se observa no Decreto n. 7.176 de 2010 (BRASIL, 2010), o qual promulga acordo entre Brasil e Estados Unidos para programas educacionais e de intercâmbio cultural, e também na adesão à Aliança para Mobilidade Acadêmica junto à Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, Ciência e a Cultura (OEI), assinada pelo ministro da Educação.

Deste modo, a iniciativa para os programas de intercâmbio e mobilidade acadêmica acaba sendo de agências de intercâmbio ou das próprias universidades. A concessão de bolsas para que os estudantes possam se manter durante seu período fora não é muito disseminada, e foi maior apenas durante o programa Ciência Sem Fronteiras. Existem apenas alguns incentivos de instituições mediante seleção, em especial as bolsas de estudo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e as do Banco Santander.

2.4. A Relevância e Impactos do Intercâmbio

O Ministério do Turismo, (2010), em uma publicação com orientações sobre intercâmbio ressaltou várias vantagens do programa conforme o disposto:

As organizações públicas e privadas perceberam o valor e a importância de investir na capacitação de indivíduos para ampliar o seu capital intelectual. É notório que, quanto maior o número de pessoas internacionalizadas e preparadas para lidar com a diversidade cultural, mais chances estes indivíduos e, conseqüentemente, os seus países, têm de se projetar e se manter competitivos. Nesse sentido, e graças ao processo de globalização, a mobilidade estudantil e acadêmica alcança essa magnitude principalmente pelos valores que a experiência e competência intercultural oferecem e que não apenas têm o poder de integrar e construir sociedades mais solidárias, mas também preparar os cidadãos e as instituições tanto para concorrer quanto para cooperar globalmente.

Em todo o mundo a mobilidade acadêmica tem sido uma ferramenta para integração internacional, com a vantagem da transferência e geração de conhecimento tanto para a origem quanto para o destino do indivíduo. O Quadro 2 apresenta os principais motivos de integração internacional.

Quadro 2. Principais motivos de integração internacional por aspecto.

Aspectos	Motivos					
Econômico	Competitividade econômica	Mercados de trabalho e economia do conhecimento global				
Político	Política externa	Segurança nacional	Cultura da paz	Identidade nacional e regional		
Sociocultural	Aprimoramento do raciocínio social e cultural					
Educacional	Ampliação do horizonte acadêmico	Melhoria da qualidade das normas internacionais	Análise da dimensão intercultural	Educação globalizada	Comércio internacional de serviços educativos	Educação como instrumento de cooperação entre países

Fonte: Adaptado de Ministério do Turismo (2010).

Quanto as motivações e a percepção da experiência de intercâmbio pelos estudantes, o estudo de Bachner e Zeuschel, de 1994, se encontra entre os mais relevantes. Nele um grupo de 661 estudantes respondeu um questionário abrangente e a maioria relatou influência positiva da experiência de mobilidade no que tange a impactos pessoais, assim como classificou a experiência como útil para a vida.

No Brasil, o estudo de Medeiros, Andrade e Passos (2017) mostra resultados semelhantes: os estudantes participantes da pesquisa consideraram como benefícios da atividade o amadurecimento, amizades internacionais, ganho de conhecimento e novas formas de ver o mundo.

Maranhão, Dutra e Maranhão (2016) verificaram que, dentre os alunos de um curso de graduação em Administração, 88% têm interesse em participar de mobilidade acadêmica internacional e, dentre os 5% que já haviam feito mobilidade, o respeito por outras culturas e às diferenças, a amplitude do aprendizado, aperfeiçoamento de línguas, tolerância, melhoria no currículo e conhecer novas culturas foram as maiores aquisições em termos de aprendizado pelos alunos.

Spears (2014, p. 158) ao estudar o valor do intercâmbio no contexto do bilateralismo Brasil – EUA afirmou que “estudar no exterior é uma das experiências mais poderosas que um jovem adulto pode ter durante seus anos de formação profissional”.

Ainda assim, atenção dada a esta temática permanece muito restrita no Brasil, e as abordagens são principalmente pelo ponto de vista das instituições e dos processos de internacionalização.

3. METODOLOGIA

Este capítulo é referente à metodologia da pesquisa empírica realizada.

3.1. Tipo de Pesquisa

Trata-se de um estudo descritivo, o qual busca levantar as opiniões e crenças dos estudantes de graduação e deste modo avaliar os impactos do intercâmbio na formação profissional do administrador e em seu desenvolvimento pessoal (TRIVIÑOS, 1987).

Para tal, foi escolhida uma abordagem qualitativa, portanto, serão analisados elementos textuais obtidos por meio de entrevistas individuais, em profundidade, com roteiro semiestruturado (VERGARA, 2005, BAUER; GASKELL, 2002a).

A entrevista qualitativa, conforme Bauer e Gaskell (2002b, p. 65), “(...) fornece dados básicos para o desenvolvimento e compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação”. Deste modo, como exposto pelos autores, é possível compreender valores, motivações, atitudes e como as pessoas se comportam em um determinado contexto social.

O trabalho também conta com uma pesquisa documental, que será descrita com mais detalhes.

De acordo com Lüdke e André (1986, p. 38) “a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos”, podendo ser utilizada em conjugação com alguma outra técnica, como no caso desta pesquisa. Este método permite a extração de informações de fontes documentais variadas e com conseqüente possibilidade análise do conteúdo das mensagens para produzir inferências (LÜDKE. ANDRÉ, 1986).

3.2. Documentos e Participantes do Estudo

3.2.1. Amostra de Documentos

Foi feita pesquisa documental com fim de obter dados sobre o intercâmbio estudantil na UFRJ. Os dados permitiram estabelecer algumas características gerais sobre a atividade e contexto da mesma dentro da universidade em questão.

Para tal, realizou-se pesquisa no site da Universidade Federal do Rio de Janeiro, cujo endereço eletrônico é: <https://ufrj.br/>, no site da Diretoria de Relações Internacionais da UFRJ (DRI), cujo endereço eletrônico é: <http://www.dri.ufrj.br/index.php/pt/>, e em documentos solicitados a este setor.

3.2.2. Participantes do Estudo

Os participantes foram selecionados de modo não-probabilístico, como é característico da pesquisa qualitativa (BAUER; GASKELL, 2002b).

Foi selecionado um representante da Diretoria de Relações Internacionais da UFRJ, com o propósito de coletar informações sobre o programa de intercâmbio da Universidade e obter a visão da gestão de um programa de intercâmbio.

Os critérios de seleção dos estudantes entrevistados foram os seguintes: ser aluno do curso de graduação em Administração da UFRJ e ter feito intercâmbio durante a graduação. Os alunos selecionados foram contatados pessoalmente, foram indicados por outros alunos ou se apresentaram após notificação sobre a pesquisa, realizada em redes sociais utilizadas pelos estudantes de Administração da UFRJ. Ao todo foram entrevistados seis estudantes que fizeram intercâmbio nos últimos cinco anos. Esse número de entrevistas se deu pelo reduzido número de alunos de Administração da UFRJ que participam do programa. Segundo dados disponíveis mais recentes da DRI, a quantidade de alunos de Administração que fizeram intercâmbio de 2013, segundo semestre, até o primeiro semestre de 2014 foi igual a 13 alunos.

3.3. Instrumento

Foram elaborados dois roteiros de entrevista, um para ser aplicado na entrevista com o representante institucional e outro para as entrevistas com os alunos. Nos dois tipos de roteiro, uma parte visava à identificação e caracterização dos entrevistados e outra era referente à temática estudada. As informações solicitadas aos alunos foram: sexo, idade, período atual na UFRJ, ano e período no qual fez intercâmbio, tempo de permanência, país e instituição onde fez intercâmbio, modalidade, instituição pela qual fez o processo, financiamento e qual instituição financiadora, para os que receberam bolsa. Em relação à instituição pela qual fez o

processo foi feita divisão em agência de intercâmbio, agência de intercâmbio para trabalho e universidade.

As modalidades foram definidas de acordo com o estabelecido em termos de conceitos de intercâmbio e com o oferecido pelas instituições que possuem programas de intercâmbio como:

- Mobilidade acadêmica, no caso dos alunos que foram estudar por intermédio dos convênios da universidade, participando de disciplinas da graduação em Administração nos países de destino;

- Curso, alunos que foram estudar línguas ou outros assuntos, excetuando-se os de mobilidade acadêmica e,

- Trabalho ou trabalho voluntário, para os que foram trabalhar ou trabalhar voluntariamente, independentemente de ter relação com Administração, não incluindo estágio realizado dentro da modalidade de mobilidade acadêmica.

Os tipos de financiamento foram divididos em:

- Bolsa, para os alunos que receberam bolsa para estudar no exterior e utilizaram-se apenas deste orçamento para se manter e realizar as atividades;

- Próprio, no caso dos que contaram com recursos próprios, tanto pessoais quanto de familiares, para se manter no exterior e,

- Misto, quando os alunos receberam bolsa, mas ao mesmo tempo precisaram dispendir uma quantidade de recursos próprios para que pudessem se manter.

Quanto à entrevista com o representante da DRI, cujo roteiro consta no Apêndice A, as três primeiras perguntas, relacionadas aos impactos do intercâmbio e dificuldades para os alunos, foram elaboradas de modo a tornar possível a comparação da visão da Instituição com a visão dos alunos sobre os mesmos tópicos. As perguntas seguintes visam obter informações relativas ao funcionamento da DRI e seu programa de intercâmbio.

Em relação às entrevistas feitas com os alunos de Administração, foi elaborado um roteiro (Apêndice B) tendo como base estudos sobre intercâmbio estudantil, a saber:

Quadro 3. Embasamento teórico do roteiro.

Nº	Pergunta	Embasamento Teórico
1	Como foi a sua experiência de intercâmbio?	Eiras (2009) ao agrupar os principais temas encontrados nas entrevistas com alunos definiu um deles como “Experiências no Programa de Intercâmbio”.
2	Quais os motivos que o levaram a fazer intercâmbio?	As motivações para fazer intercâmbio são estudadas nas pesquisas de Medeiros, Andrade e Passos (2017) e Eiras (2009).
3	Quais foram as suas expectativas em relação ao intercâmbio e ao processo de intercâmbio?	Nos estudos de Medeiros, Andrade e Passos (2017) e Eiras (2009) os alunos são questionados sobre suas expectativas.
4	Quais as principais razões para escolha da instituição e local de destino?	Eiras (2009) ao pesquisar as motivações para fazer intercâmbio inclui as motivações para escolha do país e universidade de destino.
5	Quais as contribuições do intercâmbio para a sua formação acadêmica?	Medeiros, Andrade e Passos (2017) indagaram os alunos quanto aos benefícios percebidos, sendo relatados benefícios acadêmicos e de desenvolvimento pessoal. Eiras (2009, p. 33) definiu como um dos temas agrupados os “impactos da experiência do intercâmbio na vida pessoal, acadêmica e profissional dos alunos”.
6	Quais as contribuições do intercâmbio para o seu desenvolvimento pessoal?	
7	Quais as dificuldades enfrentadas para acesso ao programa e saída do país?	Medeiros, Andrade e Passos (2017) encontraram diversos desafios enfrentados pelos estudantes intercambistas.
8	Quais as dificuldades enfrentadas no período de intercâmbio?	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os alunos que fizeram o intercâmbio na modalidade de mobilidade acadêmica pela UFRJ também foram perguntados sobre sugestões ao programa da universidade. Além disso, foi perguntado a todos os estudantes se gostariam de acrescentar algo mais que não tenha sido perguntado, ou que desejassem relatar ao final da entrevista.

3.4. Procedimento de Coleta e de Análise das Informações

A entrevista foi concedida no local de trabalho do representante, o qual autorizou a sua gravação em áudio, e durou aproximadamente 15 minutos. As entrevistas com os alunos foram realizadas nos locais mais convenientes para os mesmos, levando em conta a necessidade de privacidade, silêncio e não interferência externa. Foi solicitada aos alunos concessão acerca da gravação do áudio das entrevistas, e todos concordaram. As entrevistas com os estudantes duraram em média 30 minutos.

A análise dos dados em pesquisa qualitativa, segundo Bauer e Gaskell (2002b, p. 65), consiste em “esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceituais e abstratos”. Neste trabalho foi feita Análise de Conteúdo e, de acordo com o estabelecido por Franco (2005a, p.13), “O ponto de partida da Análise de Conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada”. Esta técnica permite fazer inferências sobre o conteúdo da mensagem, identificando, objetiva e sistematicamente, características específicas da mesma, como, por exemplo, opiniões do autor da mensagem, o seu assunto ou tema principal, dentre outros (FRANCO, 2005b).

Após leitura das transcrições das entrevistas foram criadas categorias de análise *a posteriori*, seguindo o critério semântico (FRANCO, 2005b). A categorização segundo Franco (2005b, p.57) “(...) é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos”.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo são apresentados e discutidos os resultados obtidos por meio da pesquisa documental e das entrevistas com alunos e com o representante da DRI, fazendo-se uma análise de modo a poder identificar os impactos da atividade de intercâmbio para o aluno de Administração.

4.1. O Setor e o Programa de Intercâmbio da UFRJ

Os programas de intercâmbio da UFRJ eram regulamentados pelo Setor de Convênios Relações Internacionais (SCRI), criado em 1994, que se transformou na DRI ligada ao Gabinete do Reitor, o que demonstra a valorização da atividade pela Universidade. A DRI está dividida em três seções: Relações Internacionais, Acordos Acadêmicos Internacionais e Mobilidade, e sua função é “*trabalhar pela inserção internacional da universidade, em prol de seus estudantes, professores e técnicos administrativos*”. A DRI é considerada pela Instituição como o principal mediador com o exterior, sendo responsável por representar a UFRJ em foros internacionais, pela criação e manutenção de acordos de cooperação internacional e pelos programas de intercâmbio acadêmico. Foi estabelecido, também, um Conselho de Relações Internacionais para definir a política e elaborar as estratégias de relações internacionais.

Os convênios e acordos são regidos por quatro resoluções principais: a Resolução 01/92 do SCRI, que versa sobre os trâmites das propostas de acordo, cláusulas e termos; a Resolução 03/2007 do Conselho de Ensino e Graduação (CEG), com as normas gerais referentes ao intercâmbio acadêmico internacional de alunos de graduação; a Resolução 01/2007 do Conselho Superior de Coordenação Executiva referente à assinatura de Convênios de Co-Tutela e a Resolução 02/ 2010 do Conselho Superior de Coordenação Executiva, relativa à propriedade intelectual. Os estudantes interessados em fazer intercâmbio devem se candidatar dentro dos prazos para inscrição e apresentar os documentos exigidos, os quais podem incluir certificados de proficiência na língua estrangeira. A mobilidade para alunos de graduação pode ser feita por um semestre ou um ano letivo, com a possibilidade de prorrogação em até três períodos letivos.

Na entrevista realizada com o representante da DRI foi informado que o setor segue regulamentações do Conselho Universitário da UFRJ e o Plano de Desenvolvimento de Institucionalização para a Internacionalização, o qual ainda não está disponível para leitura externa. Não há nenhum tipo de legislação dos entes federativos que regulamente o intercâmbio seguida pelo setor.

Segundo levantamento feito pela Universidade em 2017, estavam vigentes 223 acordos internacionais com instituições parceiras, sendo destes 85 para intercâmbio de estudantes. A França ocupa o primeiro lugar com 51 acordos, dentre os quais, o acordo com a renomada Universidade de Sorbonne, e na sequência estão Portugal e Espanha, respectivamente. Os termos variam entre os países, mas, de maneira geral, a UFRJ procura garantir aos estudantes o não pagamento de taxas, a obtenção do visto de estudante para o período de permanência e o aproveitamento dos créditos obtidos na universidade estrangeira.

A Tabela 1 mostra, de acordo com os dados obtidos da DRI na pesquisa documental o número de alunos que participou do programa de intercâmbio da Universidade de 2015 até parte de 2018, por país.

Tabela 1. Número de alunos participantes do intercâmbio na UFRJ.

Número de Alunos por Ano				
PAÍS	2015	2016	2017	2018
Alemanha	22	28	18	10
Argentina	1	0	1	1
Áustria	4	2	4	1
Bélgica	1	2	1	0
Bolívia	0	1	0	0
Canadá	0	0	1	0
Chile	4	0	2	1
China	1	2	0	0
Colômbia	5	2	5	0
Congo	1	1	0	0
Dinamarca	6	6	6	0
Espanha	13	22	14	3
França	62	70	28	11
Inglaterra	15	9	6	2
Israel	1	1	0	0
Itália	15	16	6	2
México	3	4	1	0
Peru	1	0	2	0
Portugal	57	62	34	6
Suíça	0	0	1	0
Turquia	0	3	0	0
Uruguai	0	2	0	0
Total	212	233	130	37

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados cedidos pela DRI.

De 2011 até o primeiro semestre de 2014, foram inscritos 667 alunos para mobilidade acadêmica, sendo os principais destinos neste período Espanha (181 alunos), França (178 alunos) e Portugal (140 alunos). Dentre os países da América do Sul o destaque é da Argentina com 14 alunos. É possível se observar que os países com maior número de convênios também tem sido os que mais recebem estudantes da UFRJ. Quanto aos estrangeiros que vêm estudar na UFRJ, no período de início da mobilidade entre o segundo semestre de 2011 até o segundo semestre de 2013, foram recebidos 619 alunos, a maioria proveniente de Portugal (225), seguida dos que chegam da França (153), com a maior parte das vindas concentrada em 2013, principalmente na segunda metade do ano. Considerando o quantitativo de alunos matriculados em cursos presenciais, exceto os com matrículas trancadas, conforme a Tabela 2, é possível notar que uma proporção ainda baixa em comparação ao universo de alunos realiza a atividade.

Tabela 2. Número de alunos matriculados na UFRJ por ano.

2011	2013	2014	2015	2016
49.009	48.464	49.881	51.640	52.848

Fonte: Elaborado pelo autor à partir de dados da UFRJ.

Os dados do número de alunos para o ano de 2012, no qual houve greve, não se encontram disponíveis, assim como ainda não há informações sobre os números em 2017 e 2018.

4.2. Características dos Entrevistados e os Impactos do Intercâmbio

O representante da DRI entrevistado ocupava o cargo de chefe da mobilidade, estava há cinco anos trabalhando no setor e 31 anos como servidor da UFRJ.

As características dos alunos de Administração entrevistados estão descritas no Quadro 4. Com vistas a preservar a identidade dos alunos entrevistados, os mesmos serão identificados com a letra “E” seguida de um número.

Quadro 4. Caracterização dos Estudantes Entrevistados.

Alunos	Idade	Período atual na UFRJ	Países	Ano do Intercâmbio	Tempo de permanência	Modalidade	Financiamento
E1	23	7º	China França	2014 2015	3 semanas 6 semanas	Curso / Curso	Bolsa / Misto
E2	22	9º	Portugal	2017	6 meses	Mobilidade acadêmica	Próprio
E3	26	6º	Irlanda	2018	2 meses	Curso e Trabalho Voluntário	Próprio
E4	19	5º	Canadá Sérvia	2016 2017	4 meses 2 meses	Curso / Trabalho Voluntário	Próprio / Próprio
E5	24	8º	Malta	2017	4,5 meses	Curso	Próprio
E6	24	7º	Alemanha	2015	1,5 ano	Mobilidade acadêmica	Próprio

Fonte: Elaborado pelo autor.

Dos estudantes entrevistados apenas um é do sexo masculino. Observou-se que a maior parte foi por intermédio de agências de intercâmbio, sendo apenas dois pelo programa da Universidade e um quando foi especificamente para trabalhar voluntariamente que se utilizou de agência de intercâmbio para trabalho. Em relação às instituições onde fizeram intercâmbio, ou seja, as instituições receptoras no país de destino, apenas uma delas não se caracterizava como uma instituição educacional, pois era uma empresa do tipo *Startup*. O estudante que recebeu bolsas para seus dois intercâmbios teve como instituições financiadoras Banco Santander, no caso do financiamento apenas por bolsa, e o convênio Fundação Getúlio Vargas (FGV) – Universidade de Sorbonne, no caso do financiamento misto.

Foram estabelecidos *a priori* grupos amplos dentro dos quais se encontram as categorias que foram definidas *a posteriori*. No estabelecimento dos grupos que constituem unidades temáticas para análise foram considerados os objetivos da pesquisa, achados em outros estudos e o roteiro de entrevistas dos alunos. Deste modo as categorias encontram-se relacionadas a unidades mais amplas, ou seja, aos grupos, os quais são: motivações, expectativas, razões para escolha da instituição e destino, contribuições para a formação acadêmica, contribuições para o desenvolvimento pessoal, dificuldades enfrentadas na preparação para o intercâmbio, dificuldades enfrentadas durante o período de intercâmbio e percepção sobre a experiência (EIRAS, 2009, MEDEIROS; ANDRADE; PASSOS, 2017).

4.2.1. Motivações

Dentre as motivações relatadas foram encontradas as categorias: **busca por desenvolvimento profissional e realização pessoal**. Na categoria busca por desenvolvimento profissional, se enquadram: motivos associados ao desenvolvimento profissional e acadêmico, como aprender ou aperfeiçoar um idioma, acrescentar a atividade de intercâmbio ao currículo e ter experiência de trabalho. Isto pode ser identificado nas falas do Quadro 5, e a categoria foi identificada no discurso da maioria dos alunos.

Quadro 5. Verbalizações para a categoria busca por desenvolvimento profissional.

(...) e segundo que eu achava que podia agregar muita na minha formação mesmo, e aí acadêmica (...) ver como é que é a didática deles e essas coisas.

(...) eu particularmente considero por questões de que eu fiquei treinando a língua e conhecendo coisas que é basicamente o que eu procurava no intercâmbio.

(...) pode ser uma das coisas, que mais ficou atentada a mim é por causa do currículo. É um diferencial hoje em dia (...)

(...) a ideia do intercâmbio é tu crescer na cultura e desenvolver o idioma.

Aí eu foquei mais em aprender o francês e pegar fluência do inglês.

(...) eu comecei a pesquisar que isso ia engrandecer muito meu currículo, porque como eu nunca tinha trabalhado, isso seria uma boa experiência. Eu poderia aprender mais o meu inglês (...)

O primeiro deles, língua.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na categoria de **realização pessoal** encontram-se os motivos relacionados com benefícios pessoais e com desenvolvimento pessoal, por exemplo, realização de sonhos, vontade de viajar e conhecer o novo, vontade de repetir uma boa experiência pessoal, desejo de independência e de aprender a administrar situações, conforme evidenciado nas falas dos estudantes entrevistados descritas no Quadro 6. Todos os estudantes apontaram aspectos que se encaixaram nesta categoria.

Quadro 6. Verbalizações para a categoria realização pessoal.

<p><i>Eu queria viajar, basicamente (...) você poder ir para fora e conhecer o novo, conhecer o mundo (...)</i></p> <p><i>(...) e não só ter que se virar, mas ter que trabalhar naquela outra mentalidade (...)</i></p> <p><i>Então, desde que eu entrei na faculdade em 2014 -1, sempre foi meu sonho, assim, fazer intercâmbio. Eu sempre gostei muito de viajar (...) mas eu sempre gostei muito de sair, assim, da zona de conforto.</i></p> <p><i>E segundo o crescimento pessoal, tipo, de ver, conhecer outras culturas, eu nunca tinha saído do país, eu queria sair, então foi uma chance que eu tive.</i></p> <p><i>E foi a oportunidade que a gente teve de também conhecer outros países, que a gente acabou fazendo um mochilão a gente conheceu mais, sei lá, seis, sete países.</i></p> <p><i>Eu sempre fui a louca de conhecer as coisas, sempre tive muita vontade de morar fora, de conhecer novos países, de conhecer novas culturas, de línguas e tudo mais.</i></p> <p><i>De me desafiar mesmo, me virar, e a experiência também de morar sozinha (...)</i></p> <p><i>Também conhecer outros países (...)</i></p> <p><i>Já ter feito outros intercâmbios antes.</i></p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Muitas das motivações relatadas correspondem às motivações encontradas na literatura, tais como, oportunidade de conhecer outras culturas e países, interesse por estudar outro idioma, melhoria do currículo e aspectos de crescimento pessoal, estes últimos por vezes apareceram na literatura com o uso de termos idênticos, aos encontrados nesta pesquisa, por exemplo a expressão “se virar” (HOOF; VERBEETEN, 2005; EIRAS, 2009; MUTLU, 2011; SILVA, 2013; MEDEIROS; ANDRADE; PASSOS, 2017).

4.2.2. Expectativas

Ao se considerar as expectativas dos alunos tanto para a atividade em si quanto para o processo necessário para se conseguir fazer um intercâmbio foram encontradas as categorias: **expectativas positivas** e **expectativas negativas**. As expectativas positivas incluem tudo aquilo que os alunos esperavam como sendo passível de trazer retorno positivo a eles, ainda que o fato em si pudesse ter aspectos de dificuldades. De forma geral as positivas se relacionaram ao intercâmbio em si e as negativas ao processo, entretanto, a relação expectativa e realidade, pelo que foi falado nas entrevistas, nem sempre foi direta, isto é, expectativas negativas

transformaram-se em realidades positivas ou vice-versa. Além disto, em muitos momentos percebeu-se que dificilmente há uma correspondência perfeita entre expectativas e realidade encontrada, o que pode se dar pela subjetividade da temática, ou, talvez, em função de que só se pôde perguntar acerca das expectativas após a realização da atividade, pelas características do estudo. Tal fato pode ocasionar algum viés nas respostas dos sujeitos.

Dado o exposto, a categoria **expectativas positivas** pode ser descrita como abrangendo as expectativas que os estudantes tinham, antes da realizar o intercâmbio, que fossem intrinsecamente positivas, benéficas ou que contivessem o potencial de assim se transformarem. Como exemplo estão: possibilidade de melhoria da língua, de ter ganhos em conhecimento, de fazer amizades e de ter um certo tipo de estrutura no local. O quadro 7 apresenta as verbalizações que se encaixam nessa categoria

Quadro 7. Verbalizações para a categoria expectativas positivas.

Tinha expectativas de melhorar o idioma, sabendo mesmo que seria pouco tempo, eu tinha, esperava isso, de poder aprender mais de ter uma dificuldade menor em línguas (...)

Mas foi legal de esperar aquele momento, ficar um mês fora, conhecer todo mundo (...)

Olha, do intercâmbio, acho que os dois eu tive expectativas muito altas de... em relação à cidade, a como é que você vai ficar sozinha né, a pessoas, eu tive expectativa muito grande no meu desenvolvimento também.

Acho que se eu voltasse, não com um nível razoável de inglês, sei lá, sabe, eu ia voltar... ia ser muito decepcionante pra mim (...)

Então, antes, aqui no Brasil, eu queria ir para aperfeiçoar minha língua.

(...) como foi tudo por agência, então teoricamente foi mais fácil, mas não tanto (...)

(...) algumas coisas que eu esperava não aconteceram que era eu melhorar o meu alemão (...) mas tudo que me foi prometido foi maravilhoso.

Eu esperava fazer amigos no mundo todo, fiz amigos no mundo todo. Esperava conhecer muitos lugares, conheci muito mais do que esperava.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os alunos de modo geral, fizeram bastantes paralelos com o que aconteceu durante a experiência, e pelas falas ficou evidente que para a maior parte houve mudança nas expectativas após se depararem com as situações em si, sendo o que encontraram no exterior importante para moldar novas expectativas. Também há que

se considerar que, no caso da atividade de intercâmbio e não do processo, existe ligação entre os fatores motivadores e as expectativas dos alunos.

A categoria de **expectativas negativas**, por sua vez, foi definida de modo a abranger as expectativas negativas ou de fatores complicadores, ou com potencial de trazer algum tipo de problema ou malefício, independentemente de haver correspondência com a realidade, neste sentido, de forma análoga ao que foi feito para a categoria expectativas positivas. Exemplificando temos questões com burocracia, dúvidas relativas a efetivamente conseguir ir ou com o processo. O Quadro 8 dispõe as falas dos entrevistados para esta categoria.

Quadro 8. Verbalizações para a categoria de expectativas negativas.

Na época eu nunca tinha feito inglês (...) Eu entendia bem, mas falar é outra questão

(...) eu percebi que ia ser uma loucura e falei: cara não vai dar, não vai dar.

(...) então já estava um pouco acostumada com a burocracia louca e foi bem assim, foi bem burocrático.

Eu esperava bem complicado porque, vindo da UFRJ... tudo... tudo tem sempre o seu fator burocrático. Mas foi bem mais tranquilo do que eu imaginava (...)

Fonte: Elaborado pelo autor.

A entrevista com o representante da DRI também deixou evidente a relação com a burocracia e expectativas, inclusive as dúvidas sobre conseguir ir conforme observado nas falas constantes no Quadro 9.

Quadro 9. Verbalizações do representante da DRI sobre expectativas.

(...) porque o aluno quer tudo para ontem, como eu já falei, e não é assim que funciona, até porque existe uma série de coisas que não depende da DRI.

(...) então ele passa a lidar com essa dúvida às vezes por meses, porque a gente precisa aguardar a universidade de acolhimento nos enviar ou um OK ou a carta de aceite, alguma coisa. Isso leva um tempo.

Medeiros, Andrade e Passos (2017), em seu estudo encontraram como principais expectativas dos alunos aspectos positivos muitos deles relacionados com as motivações descritas, dentre eles independência, possibilidade de viajar e de conhecer pessoas e locais novos. Em algumas falas os autores também perceberam expectativas em relação ao desenvolvimento do idioma estrangeiro. Estes achados são condizentes com os deste trabalho no que tange às expectativas com a atividade em si.

4.2.3. Razões para Escolha da Instituição e Destino

Dentre as razões para a escolha da instituição e local de destino foram encontradas as categorias de razões financeiras, idioma, razões acadêmico-profissionais e características inerentes à localidade de destino. Foi possível notar que os entrevistados utilizaram muito critérios de comparação e seleção por exclusão, ou seja, dentre as possibilidades escolhidas por eles em uma pré-seleção, foram eliminando os lugares que possuíam características indesejáveis.

Razões financeiras foi, então, definida como abarcando motivos de ordem financeira, como existência de bolsa, custo de vida no local, custos da agência e orçamento disponível para a atividade. Tais razões ficam bem claras nas falas do Quadro 10, encontradas na quase totalidade das entrevistas.

Quadro 10. Verbalizações para a categoria razões financeiras.

<p><i>Mas o motivo principal foi, para onde tinha bolsa eu tava indo.</i></p> <p><i>A China foi uma grande oportunidade. Tudo pago, se me mandasse pra Bangladesh, eu ia pra qualquer lugar, com tudo pago eu tô indo.</i></p> <p><i>(...) eu não poderia ir pra uma instituição que falasse inglês sem ter esse teste, eu teria que pagar pra fazer urgente, eu não tinha grana (...)</i></p> <p><i>(...) que também fosse barato, que Portugal em relação à Europa é bem barato, principalmente o Porto.</i></p> <p><i>Então, primeiro o local foi custo-benefício né.</i></p> <p><i>E eu entrava no site das escolas e via, comparava, e aí eu cheguei a agência que eu ia fechar, não só em questão de preço (...)</i></p> <p><i>(...) aí eu inventei uma viagem assim, uma viagem que não tivesse muito custo, porque o intercâmbio da AIESEC não tem muito custo (...)</i></p> <p><i>Um, pelo preço, era uma escola mais barata do que as outras que eu vi.</i></p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

A categoria **idioma** apresenta razões relacionadas ao idioma do local de destino, tanto no caso de ser um idioma diferente e proporcionar a oportunidade de aprendizagem ou aperfeiçoamento, quanto pela proximidade do idioma nativo no caso de um dos entrevistados. Todas as entrevistas com os estudantes guardaram relação com esta categoria, embora, para alguns, outra língua tenha aparecido como uma consequência natural ou já estava implicitamente decidido quando começaram a

escolher os locais. O Quadro 11 contém as falas que evidenciam as questões de idioma.

Quadro 11. Verbalizações para a categoria idioma.

(...) na França eu tive aulas de francês (...)

(...) você continua tendo aula de francês e de cultura em francês também, cultura europeia em francês, no segundo semestre. (...) eu tive que trancar nesse segundo período para eu poder fazer o intercâmbio, pra eu poder estudar.

Então eu precisava ir pra um lugar que falasse espanhol ou português.

(...) a ideia do intercâmbio é tu crescer na cultura e desenvolver o idioma.

Olha eu fiz dois intercâmbios. Um foi de línguas. Eu fui estudar francês e inglês.

E a cidade foi por (...) e por ter a oportunidade de aprender o francês também (...)

Eu poderia aprender mais o meu inglês (...)

Praticar a língua e aprender um pouco também da teoria.

(...) eu vou aprimorar a minha língua, que seria o inglês. E aí eu comecei a estudar alguns países que seriam propensos pra isso.

Na verdade, escolhi o país primeiro né, porque eu sempre tive um vínculo com a Alemanha muito forte porque a minha escola era alemã.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A categoria razões **acadêmico-profissionais** foi formada com as razões relacionadas à qualidade, métodos e conteúdos do ensino no local, com exceção do idioma, o qual está em uma categoria específica, e, também pela oportunidade de trabalho e enriquecimento de currículo no local. Nela, se encontra, por exemplo, modelo de aulas na instituição, reconhecimento da instituição ou experiência de trabalho, conforme se pode perceber pelas falas no Quadro 12.

Quadro 12. Verbalizações para a categoria razões acadêmico-profissionais.

(...) tinha uma instituição boa também, que a Universidade do Porto é bem falada, então foi por isso que eu escolhi.

(...) a escola que a gente escolheu foi uma das mais caras da agência e da Irlanda em si, se bobear, mas a escola é sensacional, os professores, tem estrutura, o back dela é bom (...)

(...) mas porque era melhor mesmo, tipo o ranqueamento de ensino deles é top, e foi realmente muito bom (...)

Eu decidi que eu queria aquela escola, o que a escola oferecia, pelos trabalhos, pelas aulas, pelas atividades.

Eu fiquei, nossa você trabalha num lugar e você pode ir, você tem que ser estudante (...) aí nós conseguimos fechar uma oportunidade que seja pro meu perfil.

(...) aí eu vi essa oportunidade e eu gostei muito porque eu sempre achei Marketing legal (...)

Outra porque era uma escola muito dinâmica, então eu tinha a oportunidade de estudar de manhã gramática e à tarde fazer aula de conversação. Então eu consegui unir as duas coisas.

(...) assumindo a premissa de ter acordo com a FACC e ser uma cidade grande, Stuttgart foi o que eu consegui. Eu escolhi a instituição e aí por consequência veio a cidade.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Definiu-se a categoria: **características inerentes à localidade**, como a que apresenta as razões acerca de como é o local de destino, suas características em termos sociodemográficos, clima, cultura e afins. Exemplificando temos, o porte da cidade, comportamento do povo, proximidade de outros locais de interesse e lazer. O Quadro 13 mostra as verbalizações a respeito desta categoria.

Quadro 13. Verbalizações para a categoria características inerentes à localidade.

Então o que eu percebi foi uma cultura diferente, mas que também não fosse tão diferente assim. (...) que a galera fosse aberta aos brasileiros (...)

Eu também não queria uma cidade tão grande como o Rio de Janeiro, então tinha Lisboa a opção na época, mas também não queria uma cidade que fosse muito pequena né, que não tivesse nada pra fazer.

(...) que tinha uma cultura diferente que está muito conectada a história do Brasil, que eu queria conhecer mais e que também não era pequena mas não era grande, era uma cidade de médio porte que tinha estrutura, tinha festa (...)

(...) é uma ilha do tamanho disso...sei lá, do tamanho da Ilha do Governador (...) mas uma ilha e a gente ia no inverno, então não ia ter nada numa ilha congelada.

(...) a gente decidiu Irlanda porque da Irlanda a gente conseguia fazer um mochilão pra Europa, a gente tinha um leque de possibilidades.

E no Canadá é uma cultura muito mais convidativa, eles são muito abertos e isso é muito legal lá. Aí eu vi que em Montreal é a cidade que a maioria é 18 anos.

Então a primeira coisa de Malta foi o tempo, realmente foi muito importante pra mim essa questão de ser mais quente (...)

E fora que é lindíssimo é tipo praia, eu poderia juntar praia, poderia juntar é... Tem assim, tem coisas pra fazer, tipo de noite, noitada essas coisas, de entretenimento.

(...) minha segunda cultura é alemã(...)

(...) e eu não queria ir pra uma cidade tão pequena assim (...)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Hoof e Verbeeten (2005) em seu estudo acerca das opiniões dos estudantes sobre intercâmbio encontrou, o fator da disponibilidade de convênio para mobilidade, que se assemelha à experiência dos dois alunos que fizeram mobilidade acadêmica nesta pesquisa, além de averiguar que os alunos escolheram a instituição de destino por afinidade ao país de destino e por conhecer pessoas que já tinham ido para o local de destino. A pré-existência de acordo internacional também foi descrita no estudo de Silva (2013). Este autor observou, inclusive, as questões relacionadas ao reconhecimento da instituição de destino.

A viabilidade financeira foi um fator de destaque no estudo conduzido por Eiras (2009), sendo relatada tanto pelos alunos entrevistados quanto pelos funcionários consultados pelo autor.

Foi encontrada grande variação nas respostas referentes às contribuições acadêmicas para os estudantes e, assim como questões acadêmicas e profissionais se mesclaram na categoria de busca por desenvolvimento profissional dentro das motivações, parte dos relatos sobre contribuições acadêmicas apresentou essa

mesma característica. Portanto, a unidade temática: contribuições acadêmicas, abrange elementos de formação profissional como um todo, não sendo limitados àqueles elementos acadêmicos tipicamente relativos à dimensão de ensino do curso de graduação.

4.2.4. Contribuições Acadêmicas

Assim sendo, as contribuições acadêmicas foram então divididas nas categorias: **houve contribuição significativa** e **contribuição pouco relevante**. É importante ressaltar, entretanto, que embora tenha sido dito explicitamente em certos momentos que não tiveram ganhos acadêmicos consideráveis em algumas experiências, ou que em vista dos ganhos em desenvolvimento pessoal a parte acadêmica não teve destaque, o mesmo entrevistado em outros momentos relatou algumas contribuições acadêmico-profissionais de importância.

A descrição da categoria **houve contribuição significativa** é dada por: aspectos que enriqueceram a formação acadêmica e profissional, inclusive postura profissional. Alguns exemplos são: novos conhecimentos adquiridos, definição ou reafirmação da área de interesse em Administração e comportamento no ambiente de trabalho. O Quadro 14 expõe as falas relacionadas à categoria.

Quadro 14. Verbalizações para a categoria houve contribuição significativa.

(...) me engrandeceu muito como profissional.

Depois do intercâmbio eu vi que eu consigo conciliar as coisas assim, de uma forma melhor. Por exemplo, trabalhar e estudar na faculdade.

E fora isso acho que a minha comunicação dentro de aula, nos espaços de aula melhorou.

(...) porque eu sempre gostei de cadeia de suprimentos, de compras, de produção e o que tem aqui hoje de matéria relacionada a isso é com um professor que não corresponde...

Então, o que contribuiu é que hoje eu tenho uma análise crítica um pouco melhor das minhas aulas, por ter conseguido desenvolver isso lá.

Hoje eu sou muito mais responsável graças ao que eu aprendi.

Além de eu aprender muito mais idioma, isso é uma parte principal, porque eu acho que tem acesso a muito mais coisa acadêmica pra me ajudar.

Acho que umas contribuições que eu posso trazer em sala, da minha experiência lá fora.

Eu achei que o intercâmbio na China contribuiu pra eu conhecer o modelo econômico deles.

Continuação do Quadro 14

Então, lá na China eu tive aulas com professores brasileiros sobre sustentabilidade, mas é uma sustentabilidade mais ligada à ecossistema, ambiental. E com os professores chineses eu vi sustentabilidade econômica, e aí sim foi bastante interessante.

Isso fez com que eu mudasse completamente a minha vida acadêmica, o meu foco acadêmico. Então, antes os meus estudos estavam voltados mais pra área comercial, de marketing e desde que eu fui pra lá, por causa das minhas experiências lá e desse contato mais histórico cultural, eu voltei e eu mudei minha pesquisa toda pra questões étnico-raciais (...)

(...) eu tive essa mudança, de área e que foi muito importante pra mim.

(...) dentro do Porto em relação à academia em si, à universidade, eu gostava das aulas. Eu achei tudo muito organizado (...)

(...) trabalhar com outras pessoas (...)

Fora o idioma (...)

Eu vejo isso, todos os processos de empresas tops que eu frequento (...) já estou na UFRJ que é uma das faculdades melhores do Rio de Janeiro, do Brasil até, então eu fiz o intercâmbio que é uma coisa que eles veem, isso daí ajuda a mostrar e tem toda essa análise que o pessoal de RH faz (...)

Pra minha formação acadêmica eu acho que mais essa falta de vergonha mesmo (...) isso me ajuda muito numa aula que eu não entendo um conteúdo e eu vou deixar por isso mesmo, sabe? Não é assim. Eu ter vergonha de perguntar e eu deixava muito isso acontecer nos meus primeiros períodos (...)E isso me ajudou muito aqui na faculdade, de perguntar mesmo (...)

E isso me ajudou muito, assim, como pessoa, como estudante, como uma futura profissional, como tudo.

(...) então foi uma experiência muito boa até profissionalmente mesmo porque eu nunca tinha trabalhado antes.

(...) nesse meio tempo e passei a ver Marketing com outros olhos e hoje acho que é a área que eu quero seguir (...)

A segunda matéria, o segundo Marketing (...) a gente faz um plano de Marketing, a gente faz a pesquisa de mercado e é bem, legal, eu posso usar muitas coisas que eu aprendi no intercâmbio e não só ferramentas mas até ideia, sabe a questão de você abrir a mente pra ver aquilo

Fonte: Elaborado pelo autor.

O representante do DRI relatou diversos benefícios do intercâmbio para a formação dos estudantes, conforme observado no Quadro 15.

Quadro 15. Verbalização do representante da DRI sobre benefícios do intercâmbio.

(...) isso proporciona para ele uma vivência de outras experiências acadêmicas, e a integração de diversos contextos no cenário internacional. Ele adquire com isso novos conhecimentos, competências, habilidades pertinentes a cada área de formação (...)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quanto a categoria **contribuição pouco relevante**, estão enquadradas as verbalizações sobre enriquecimento acadêmico restrito, insuficiente ou considerado pouco expressivo.

Quadro 16. Verbalizações para a categoria contribuição pouco relevante.

Academicamente falando, não tive grandes impactos (...)

A França eu não diria que acrescentou tanto academicamente.

Claro que na hora, algumas curiosidades, algumas coisas mais específicas você não sabe, mas em geral eram, um aprofundamento de uma história geral que a gente já aprende aqui.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Alguns estudos mostram que o nível acadêmico encontrado na instituição para onde o intercambista vai é semelhante ao da instituição de origem ou até inferior ao que foi esperado (HOOF; VERBEETEN, 2005, SILVA, 2013, MEDEIROS; ANDRADE; PASSOS, 2017). É possível observar por estes estudos e pelo presente trabalho que os alunos ao fazerem uma avaliação após suas experiências dão maior peso às contribuições pessoais ou contribuições em desenvolvimento pessoal que terão reflexo em seu comportamento profissional futuro.

4.2.5. Contribuições para o Desenvolvimento Pessoal

Todos os alunos entrevistados relataram benefícios da experiência em desenvolvimento pessoal e o representante da DRI também considera que o intercâmbio proporciona crescimento pessoal aos estudantes. As categorias definidas para contribuições em termos de o desenvolvimento pessoal foram então: **relação com os outros e autoconhecimento e autodesenvolvimento**.

Relação com os outros inclui tudo o que tem interface com outros indivíduos e com as maneiras de se relacionar com outras pessoas, considerando também mudanças internas que afetam diretamente o tratamento ao próximo. O Quadro 17 apresenta as verbalizações a respeito dessa categoria.

Quadro 17. Verbalizações para a categoria relação com os outros.

Fiz bastante amizade. Mas assim, era completamente diferente, uma criação completamente diferente, uma realidade completamente diferente e o grupo em si era muito diverso (...)

Ali eu já tive que lidar com muita diversidade, mas na China foi impressionante, outra coisa.

(...) ali eu tive experiências bem marcantes, desde pessoas parando na rua literalmente do meu lado e fazendo assim, e olhando dos pés à cabeça, pessoa puxando o meu cabelo pra ver se era de verdade, pessoas perguntando porque meu cabelo era assim, porque meu cabelo não era preto, porque meu cabelo não era liso.

Não sei qual é a lógica, como a lógica deles funciona ainda, eu não sei. Mas foi muito interessante porque a gente acha que nosso pensamento é único. Que nosso pensamento... tudo faz sentido, do jeito que a gente pensa deve fazer sentido pra todo mundo, no mundo inteiro, e não é assim.

(...) tinha muita ajuda também, porque lá a gente se conecta com brasileiros, portugueses, eu me conectei com várias pessoas assim, conheci várias pessoas de África também.

E então eu acho que eu voltei muito mais aberta a culturas diferentes, hoje em dia eu tenho mais paciência, mais tranquilidade para ouvir as pessoas e pra dialogar sobre as coisas.

Foi interessante conhecer outras culturas, outros costumes até culinários, enfim, modo de vestir, social.

Eu tive a oportunidade de fazer trabalho voluntário lá também, eu fiz trabalho num hostel pra moradores de rua, que foi legal, assim, poder, foi quando eu tive contato mesmo com pessoas, mais próximas assim de trabalhar, conversar, entender.

Um pouco disso que eu acho que eu falei né, ajuda tipo a conversar mais, a entender mais, viver, ver como é que é tratar outras pessoas de outra cultura, como as pessoas de outra cultura te tratam estando no país deles.

Tentar pensar mais no outro (...)

(...) você quer ser alguém útil, sabe, ser uma pessoa útil para a outra pessoa.

Você chegar num debate saudável (...)

Que bom que você tem contato com outras pessoas e você consegue ver o quê que é errado, você sai daquele seu mundinho sabe, de sei lá, casa de papai, casa de mamãe, você vai viver naquela realidade, você passa a lidar com pessoas que pensam diferente e elas não estão erradas por pensarem diferente, e você pode também pensar diferente.

Você pode pensar coisas diferentes, eu posso pensar também, a gente pode ser amigas e vamos conviver felizes e o mundo é assim. Acho que nessa compreensão e essa coisa de você querer, de como é legal essa mistura de culturas (...)

(...) e isso me ajudou muito a aceitar pessoas diferentes do meu padrãozinho.

(...) conhecer pessoas diferentes, ter... nossa tenho amigos em vários lugares e a gente mantém esse contato.

(...) paciência, tolerância (...) por estar com gente de cultura diferente, por viver num círculo com pessoas de culturas diferentes e por morar numa cultura em que tudo é extremamente diferente que daqui.

(...) fiz amigos no mundo todo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na categoria **autoconhecimento e autodesenvolvimento**, estão as melhorias percebidas pelos alunos na forma como eles se veem e transformações pessoais que impactaram no modo como lidam com questões próprias e com suas vidas. Tais relatos constam no Quadro 18.

Quadro 18. Verbalizações para a categoria autoconhecimento e autodesenvolvimento.

Eu acho que o meu intercâmbio na China, acho que o da China me desenvolveu muito e o da França foi mais um descobrimento (...)

Então foi um momento que eu fui muito eu.

A França me deu essa autoconfiança, saber que o meu jeito não é errado porque outras pessoas não gostam.

(...) mudou completamente minha visão de mundo sabe, foi interessante.

Eu voltei mais dona de mim, assim mais independente, porque lá eu dependia de mim, então era eu e eu. Então eu tinha de organizar minhas finanças, eu tinha que organizar a casa (...)

(...) mais independente, e também mais, com autoconhecimento maior, então hoje eu sei as coisas que me estressam, as coisas que não me estressam, o que... até o limite né, até aonde eu posso ir em determinadas coisas, emocionais principalmente, porque lá eu tava no meu limite o tempo inteiro.

Então acho que foi de um crescimento, amadurecimento, muito grande, muito rápido. Foram sei lá, seis anos em seis meses, o negócio foi muito rápido.

(...) situações que você sai da sua zona de conforto de estar na sua casa né.

Aí eu acho que enfim, é bem legal, eu recomendo muito as pessoas fazerem, e é bom pra ter ciência, tipo crescer.

(...) é a experiência mesmo como pessoa, como cidadão. Acho que eu cresci, sei lá, dez anos em quatro meses, como pessoa.

Acho que abriu muito assim, tudo. Minha visão.

Certamente muito mais desenvoltura em tudo, em tudo pra mim, seja no trabalho, seja, por exemplo, pra pegar um ônibus, tipo... Realmente são coisas que a gente não dá muito valor, mas que fazem diferença. A gente aprende a ter um jogo de cintura maior pras coisas. Porque lá se você, se der algum problema você está sozinho. Então, tem que se virar, sabe. E lá eu me virei muito e eu... E aqui é tão natural agora eu já me virar que parece que sempre esteve dentro de mim, sabe?

Uma coisa que eu consegui muito ver no intercâmbio é como a gente cresce, sabe?

E foi bom eu descobrir que eu posso ser quem eu quiser, onde quer que eu esteja, não só em outra parte do mundo mas onde quer que eu esteja, e ver também onde eu posso chegar, quando eu quero, de fato eu consigo, vi que eu sou extremamente determinada, enfim, coisas que com essa experiência eu pude me conhecer (...)

Independência, flexibilidade (...)tudo que eu tive que desenvolver muito lá por estar sozinha.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Amadurecimento, novas amizades, autodescoberta, multiculturalismo, diversidade, dentre vários outros termos que se encaixam em benefícios pessoais adquiridos com a vivência no período de intercâmbio, estão presentes nos relatos de estudantes intercambistas em alguns estudos (MUTLU, 2011, MEDEIROS; ANDRADE; PASSOS, 2017). Como foi observado, os estudantes buscam ativamente fazer intercâmbio em função do que visam em desenvolvimento pessoal, de forma equiparável ou até superior ao que objetivam em desenvolvimento acadêmico, sendo que em alguns casos, facetas do desenvolvimento pessoal trazem ao mesmo tempo a ideia de melhoria no comportamento profissional e acadêmico.

As expressões “ter que se virar”, “sair da zona de conforto” foram bastante utilizadas pelos alunos podendo ser configuradas tanto como motivações quanto como benefícios relacionados ao desenvolvimento pessoal percebidos pelos mesmos, dependendo do contexto.

Na visão do representante da DRI o crescimento pessoal começa desde o momento de preparação e há também a ideia do estudante ter que lidar com diferentes situações sozinho, assim como foi visto no discurso dos alunos.

Quadro 19. Verbalizações do representante da DRI sobre crescimento pessoal.

(...) são as contribuições do intercâmbio para o desenvolvimento pessoal do aluno, há um crescimento pessoal nisso tudo, envolvido, desde a preparação do intercâmbio, desde o contato conosco e a ida dele e a volta. Isso acontece de uma forma, assim, como é esse crescimento, primeiro, ele tem que trabalhar as angústias que a gente sabe que existem (...)

Então ele tem que passar a conviver com isso, aprender a lidar com isso e crescer com isso. Ele vai chegar em um país estranho e com culturas diferentes e vai ter que lidar com isso sozinho. Então desde aqui ele já começa aprender a trabalhar essa ansiedade.

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.2.6. Dificuldades na Preparação para o Intercâmbio

Foram relatadas dificuldades na preparação para o intercâmbio, ou seja, tanto para ter acesso a um programa de intercâmbio quanto em relação aos trâmites necessários para participar dos programas. Definiram-se então as categorias: **dificuldades financeiras** e **dificuldades com a burocracia**.

As **dificuldades financeiras** são aquelas relacionadas aos custos para viabilizar a ida e para manter-se durante a estadia no local, e estão apresentadas nas falas destacadas no Quadro 20.

Quadro 20. Verbalizações para a categoria dificuldades financeiras.

De acesso dos dois foi financeiro. Se eu não tivesse na Fundação Getúlio Vargas, naquela faculdade e eles não tivessem programas gratuitos eu não tinha feito intercâmbio, ponto final.

E também tem essa questão de renovação em 3 meses, eu gastei em torno de 100 euros lá, pra poder renovar que era uma grana que cara...

Nenhuma, assim, a dificuldade que a gente encontra é financeira né, achar um negócio que caiba no seu bolso.

Precisei comprovar renda, então tive que juntar um dinheiro, enfim. Não pude contar com dinheiro... não pude levar um dinheiro para estar lá, me sustentar e aos poucos ir fazendo, eu tive que ir com uma quantia, boa, pra comprovar, né?

Fonte: Elaborado pelo autor.

As **dificuldades com burocracia** foram definidas de forma a englobar quaisquer tipos de problemas ou empecilhos gerados em função de trâmites legais, andamento de processos, falta de apoio, de informação ou informações incompletas. O Quadro 21 mostra comentários dos estudantes sobre isto.

Quadro 21. Verbalizações para a categoria dificuldades com burocracia.

Pra China eu tive que tirar o passaporte correndo, eu dependi de contatos, do meu avô, do meu pai, dentro da Polícia Federal, lá do Galeão pra eu conseguir tirar meu passaporte rápido, porque não conseguiria.

O único problema que eu tive com o visto foi que saiu muito em cima. Saiu assim, tipo dez dias antes de eu viajar.

Não tinha nenhuma orientação relacionada à visto a como eu poderia fazer melhor (...) o SEF o serviço era horrível, também, super burocrático.

Em relação à faculdade eu já falei né, sobre essa falta de, um pouco de informação e de comunicação entre a coordenação e entre o DRI.

Mas essa burocracia inicial que era a mais chata.

Na Sérvia meu maior, a minha maior complicação foi ser aceita (...) E quem já se inscreveu no negócio da AIESEC sabe como é que é um pouco complicado, em questão de feedback deles, de resposta (...)

É porque eu tive que tirar visto de estudante, então essa foi uma burocracia que eu enfrentei. Não é fácil, não é muito fácil, você tem que comprovar renda, tem um monte de coisa pra comprovar, um monte de papelada pra entregar, então isso me deu um pouco de dor de cabeça.

(...) eu tive problema com meu visto. Foi muito difícil e eu não tive apoio nenhum, fui sozinha. Cheguei lá sem visto. (...) Eu só fui conseguir no final, porque é realmente, é realmente muito complicado, eles são muito chatos.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O representante da DRI comentou sobre as dificuldades que os estudantes têm com questões burocráticas, relacionando com a ansiedade sentida por eles, o que pode ser observado no Quadro 22.

Quadro 22. Verbalizações do representante da DRI sobre dificuldades.

A principal delas, eu acho que é lidar com a ansiedade, porque o aluno quer tudo para ontem, como eu já falei, e não é assim que funciona, até porque existe uma série de coisas que não depende da DRI. Por exemplo, carta de aceite. Ele passa por um processo seletivo aqui e depois ele vai passar sem ele saber por um processo seletivo lá, entendeu?

Então ele tem que, mais uma vez para mim, a dificuldade maior é lidar com a ansiedade e a incerteza.

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.2.7. Dificuldades Enfrentadas Durante o Intercâmbio

Houve grande variedade nos relatos sobre as dificuldades enfrentadas durante o intercâmbio, sendo definidas as categorias: **questões culturais**, **dificuldades na comunicação**, **problemas com acomodação** e **questões de ordem pessoal**.

As **questões culturais** estão relacionadas ao comportamento, crenças e valores do povo do local de destino e apareceram em muitos dos relatos. Casos de xenofobia e racismo foram bastante enfatizados por alguns alunos e tiveram grande impacto nas suas experiências. Os relatos dos alunos para tal categoria encontram-se no Quadro 23.

Quadro 23. Verbalizações para a categoria questões culturais.

Eu pessoalmente já sou completamente diferente dos chineses, imagina o pessoal do campo me vendo. Então, era... isso foi chocante no início de lidar, depois eu lidei melhor, mas foi uma experiência que não deixa de ser impactante.

A gente tem uma ideia da Europa que tudo é maravilhoso, que tudo funciona, as pessoas são educadas, polidas, simpáticas e não foi nada disso. O francês é mal-educado, o francês cospe na rua, o francês não é caloroso, sabe.

Desde criancinha no metrô chorando com a mãe, com medo de sentar do meu lado (...)

Quando eu olho pra trás todos os chineses estão olhando pra mim. Eles não estão olhando pro panda, eles estavam olhando pra mim, então quando eu me virei pra sair abriu um corredor (...) A atração do zoológico não era mais o panda, era eu. Então, essa experiência do zoológico e do menininho me impactou negativamente.

Desde roupa colorida até pessoas sorrindo, não tem gente sorrindo, não tem demonstração pública de afeto, não tem música na rua (...) no inverno tava tudo muito cinza, tudo meio pra baixo, assim.

Assim, muitos, muitos lugares eu passei por alguns problemas, por xenofobia por ser brasileira e por racismo por ser preta, então isso mexeu muito comigo, assim, no meu dia-a-dia, isso é uma coisa muito complicada.

(...) mais a xenofobia o racismo dos outros países, das viagens, do próprio Porto, hipersexualização, n coisas, assim por ser brasileira (...)

(...) foi realmente a questão social (...) racismo e a xenofobia meio velados.

Tinha muito machismo, assim em festa.

(...) as relações das pessoas que eu encontrei lá muito frias, não tem a felicidade que a gente tem aqui então não gostei.

(...) a xenofobia que você passa por lá (...)

(...) porque eu falei, eu senti muita frieza nesse país (...)

Por exemplo, a Irlanda em si, isso é um problema muito grande, não sei se cheguei a falar isso, eles têm uma cultura de xenofobia muito forte, os adolescentes lá são xenofóbicos. Dependendo onde tu mora é questão de segurança mesmo, eles agridem, eles tacam ovo, tacam pedra... Eu tive um problema lá de um cara ficou me encarando, de chegar pessoalmente e começar (...)

No início foi muito difícil me encaixar na cultura deles, são pessoas muito frias, são pessoas muito sérias e eu não sou assim. Não são muito colaborativos.

E também quando eu fiz o meu estágio. Tive alguma dificuldade (...) acho que o método quadrado de ser não ia muito bem com o meu jeito de trabalhar, mas depois tudo... tudo flui.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Houve um caso específico que por sua particularidade não foi enquadrado em uma categoria no qual um dos estudantes vivenciou os momentos de um atentado terrorista que aconteceu na cidade. O relato se encontra no quadro 24.

Quadro 24. Relato sobre uma situação de atentado terrorista.

Seis de janeiro teve um atentado terrorista, aquele primeiro, ao Charlie Hebdo, ao jornal (...) mesmo dia, eu tava no metrô, sozinha, e chega um monte de militar e eles entram no metrô e põe todo mundo pra fora. (...) eu turista com dois dias de França, pra mim foi o pior dos mundos. E eu percebi, eu sabia que era terrorismo, que tinha acontecido um negócio, então eu, negra na França, não queria abrir um mapa... Não queria... Primeiro que eu não queria dar na cara de ser turista, e ainda mais sendo turista com a aparência física que que tenho. (...) Foi complicado enfrentar isso.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A categoria de **problemas com acomodação** abrange dificuldades de conseguir acomodação, problemas com o local em que se ficou hospedado e na convivência no local de moradia, cujos exemplos de falas estão no Quadro 25.

Quadro 25. Verbalizações para a categoria problemas com acomodação.

(...) falando que a estrutura era uma porcaria, a gente ficou sem banheiro, eram 50 pessoas numa casa e tinha três banheiros e botou dois em manutenção na hora, então tipo teve toda uma estrutura... falta de estrutura deles, falta de planejamento, a casa não era aquelas coisas, precariedade, enfim, tinha todos esses problemas da casa lá.

Por exemplo, a casa que a gente morava tinha sete andares de escada. Meu quarto foi o último quarto. E na época eu tinha que operar o joelho, eu operei quando eu voltei. Então foram sete lances de subida de escada, tudo mais(...)

Só que muita gente da casa... eu tenho 26 anos então as outras pessoas eram um pouco mais jovens, 20 anos, 22, eles gostavam muito porque basicamente o que eles encontraram lá era o que não encontravam em casa, ou seja, chegar doidão a hora que quiser em casa e fumar maconha, se drogar à vontade tipo eu senti muito esse perfil das pessoas que achavam legal lá. Foi o que eu falei tipo, como eu sou um pouco mais velho que a média do pessoal que estava lá, são vibes diferentes, entendeu?

Uma das dificuldades foi acomodação, porque eu fui pra lá com três semanas só de casa, de residência e o resto eu não tinha casa. Então eu tive que correr atrás de casa loucamente e eu tinha na cabeça que eu não queria me juntar com brasileiro por conta de que eu fui lá pra falar outra língua (...)

A mesma coisa pra procurar apartamento. Eu me mudei três vezes né. Uma vez que acabou contrato e eu não podia renovar e a segunda vez que eu tinha feito um aluguel de curto prazo pra me mudar, procurar apartamento novo. E eu só fui conseguir esse último apartamento... eu ia ficar... eu não ia ter nada. Eu só consegui esse apartamento porque um cara que não era alemão me ajudou.

Fonte: Elaborado pelo autor.

As **dificuldades na comunicação** também estiveram presentes em muitos relatos, sendo a categoria definida como problemas para entender e se fazer entendido e dificuldades com a língua estrangeira. As falas sobre esta categoria estão no Quadro 26.

Quadro 26. Verbalizações para a categoria questões de comunicação.

Dificuldade principal foi a língua, obviamente. Eu fui no momento, na China, eu não falava inglês como eu faço hoje.

Então, me comunicar era difícil, e mais ainda, porque os chineses que estavam nas cidades, eles eram do campo, eles não falavam inglês, então, essa comunicação foi bastante complicada.

Mas as pessoas entendiam, e na França o indicável é, você começar a falar em francês, a pessoa vê que você tá se esforçando, aí ela pergunta, aí ela mesma propõe: fala inglês? Eu: falo, amém! E aí você comunica... só fala inglês.

E eu lembro que eu tava numa das aulas e o professor falava muito enrolado e muito rápido.

(...) eles também falam bem carregado o idioma e tal.

Aí chega 9:40 um cara lá murrando a porta, eu abri, começou falando francês, poucamente, cagando pra mim pra se eu tava entendendo ele, falou que tinha hora, ficava apontando... eu falando inglês com ele, falando que nosso horário era até dez horas, ele falando que não, não sei quê.

(...) entender alguns comandos que a minha homestay me passava logo no início que eu não entendia muito, não tinha essa fluência, sabe, não, eu ficava muito, será que ela me mandou ir pra direita ou pra esquerda, será que...

Tipo, nossa que quero entender o que as pessoas estão falando bem, compreender no mesmo timing...

Eu tive algumas dificuldades com o idioma também porque onde eu morava era dialeto.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na categoria **questões de ordem pessoal** estão dificuldades que se relacionam com a personalidade dos alunos, sentimentos e desafios pessoais. Em muitos momentos é possível verificar que os estudantes fazem ligação destas dificuldades com oportunidades de crescimento e desenvolvimento pessoal, o que fica evidente em algumas falas do Quadro 27 sobre a categoria em questão.

Quadro 27. Verbalizações para a categoria questões de ordem pessoal.

Na China teve uma dificuldade da integração com as pessoas, em me senti sozinha por muito tempo.

Só tive problema com o nervosismo na imigração da Irlanda, o nervosismo de estar falando inglês assim a primeira vez.

Acho que a dificuldade de estar longe de família, de mais amigo, assim (...)

Teu pai, sabe-se lá se tem condições ou não, mas, bem o mal o cara deu quase dez mil reais pra tu torrar em maconha e álcool... então, são vibes diferentes. Não ter muitas pessoas nessa minha vibe também, talvez tenha atrapalhado um pouco.

Eram mais desafios pessoais mesmo.

É estressante porque eu acordava cedo, trabalhava, chegava cansada, todo mundo tava festejando, mas é muito interessante.

E na Sérvia, em questão no meu trabalho, eu acho que tive uma dificuldade de chegar, de como me apresentar, de como responder o que era pedido.

Eu tinha muito disso, de não decepcionar o CEO da empresa, da Startup.

Fonte: Elaborado pelo autor.

As dificuldades descritas neste estudo, tanto na preparação quanto durante o período, estão de acordo com o que é encontrado nos relatos de estudantes intercambistas na literatura, sendo especialmente condizentes com as dificuldades de moradia, idioma, financeiras (bolsas de estudo) e burocráticas as quais foram apresentadas por Eiras (2009).

4.2.8. A Mobilidade Acadêmica por Meio da UFRJ

Dos entrevistados, dois fizeram o intercâmbio na modalidade mobilidade acadêmica e, portanto, foi lhes perguntado se teriam sugestões para o programa da UFRJ. Os estudantes responderam sobre auxílio para se manter no exterior, infraestrutura e características do programa, mais especificamente sobre divulgação e parcerias, conforme o Quadro 28. Outros estudantes comentaram sobre a impossibilidade de ir pela UFRJ dado que não teriam como arcar com os custos de um semestre ou mais no exterior.

Quadro 28. Verbalizações de sugestões para o programa da UFRJ.

Minha sugestão seria mais em relação à grana. Que eu morri numa grana, sabe, foram anos assim, me organizando com a minha mãe e tal, e eu trabalhando e ela segurando grana pra poder juntar, então como a universidade é pública, eu sei que não é uma oportunidade que todo mundo tem. Se tivesse um auxílio como tem em outras áreas.

Eu acho que se tivesse esse auxílio ia ser uma ótima forma de democratizar o acesso ao exterior, a galera ia conhecer mais.

Mais gente. Eles precisam de mais gente pra poder, pra poder atender à demanda, porque é muita gente querendo fazer intercâmbio, muita gente com dúvida.

(...) o programa podia ser melhor divulgado, eu acredito (...) Porque hoje a divulgação é, sai no site do DRI, um aluno muito ansioso descobre e divulga pros outros. Não tem nada no site da UFRJ liberando, nem nas páginas da UFRJ.

E mais universidades parceiras. Não tem quase nada.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A gestão do programa de intercâmbio da UFRJ, na visão do representante da DRI tem muitas dificuldades e desafios, como infraestrutura e investimentos. Em concordância com o que foi dito pelos alunos o representante também relatou que há necessidade de mais funcionários no setor. Entretanto, sobre questões de divulgação, o representante acredita que os alunos, em função de transmitirem as informações uns para os outros e pelo uso contínuo de tecnologia, têm mais acesso às informações e há maiores dificuldades de divulgação para outros setores da própria Universidade. Tais fatos podem ser observados nas verbalizações do Quadro 29.

Quadro 29. Verbalizações do representante da DRI sobre desafios para a gestão do programa da UFRJ.

Material físico, material mesmo. Material humano. Local, como você vê, você olha a nossa sala de relações internacionais, nós recebemos todo mundo aqui, e às vezes até delegação. Então o investimento nessa área é pouquíssimo (...)

Olha, se você tem uma ideia, a Universidade não sabe que ela é internacional. Entendeu... Tem setores que não sabem que existe Diretoria de Relações Internacionais, tem setores dentro da UFRJ que não sabem que a gente faz intercâmbio, que não sabem que isso existe.

Bem, aluno conhece porque aluno vive conectado 24 horas no celular. Então, é, nem todos também conhecem, mas eu acho que entre os alunos há uma maior comunicação porque um fala pro outro, então aluno conhece muito mais o que o docente.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O representante enfatizou a valorização da Universidade tanto no exterior quanto pelos próprios alunos como uma contribuição que o programa de intercâmbio da UFRJ traz à mesma, como disposto no Quadro 30.

Quadro 30. Verbalizações do representante da DRI sobre reconhecimento da UFRJ.

A Universidade, a UFRJ lá fora ela é muito conhecida. E muito carinhosamente conhecida (...)

Assim, eles veem também a dificuldade da falta de estrutura, mas a qualidade do ensino não deixa a desejar em nada. Isso você pode botar em letras garrafais.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Um dos entrevistados que fizeram a mobilidade acadêmica também falou sobre o tema, afirmando ter passado a valorizar mais o ensino daqui após sua experiência fora, o que consta no Quadro 31.

Quadro 31. Verbalização sobre a qualidade do ensino percebida por um estudante.

(...) eram matérias boas, muito conteudistas, muito expositivas, isso me fez também, gostar mais da UFRJ, parar de reclamar das minhas aulas, porque as nossas aulas em relação à metodologia eu acho que são melhores.

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.2.9. Percepção sobre a Experiência

De modo geral os alunos tiveram uma boa percepção sobre a experiência. O que também fica evidente em outras pesquisas sobre intercâmbio estudantil (HOOF; VERBEETEN, 2005, EIRAS, 2009, MEDEIROS; ANDRADE; PASSOS, 2017). Foram definidas para este tema as categorias: **impressão sobre o intercâmbio, dificuldades enfrentadas no retorno e características positivas do local de destino e da estadia.**

Definiu-se para a categoria **impressão sobre o intercâmbio**: como os estudantes avaliaram a sua experiência, se eles acreditaram que a experiência foi positiva, negativa ou neutra e se pensam que é uma atividade válida para estudantes no geral. As respostas relacionadas encontram-se no Quadro 32.

Quadro 32. Verbalizações para a categoria impressão sobre o intercâmbio.

E aí é um desafio, sabe, você se deparar com o mundo, literalmente com o mundo e você se manter, tanto ético, quanto, enfim...

Foi ótimo, melhor experiência da minha vida. Porque foi quando pela primeira vez eu fui completamente independente (...) eu realmente fiquei muito bem, conheci o mundo inteiro, então é muito difícil alguma outra parte da minha vida se equiparar.

Então, eu diria que assim, as duas experiências foram impressionantes de certo modo, muito, muito, muito enriquecedoras, e eu gostaria de ter continuado, ter podido ir para outros países e então, assim, foi muito bom.

E no geral foi uma experiência muito engrandecedora, assim, é a palavra. Porque quando eu fui pra lá eu, quando eu voltei, na verdade, eu voltei com uma visão completamente diferente do Brasil e de Portugal (...)

A experiência de lá foi bem louca, assim, eu particularmente não gostei de Dublin como cidade (...)

Que o ideal pra qualquer ser humano principalmente nós latinos, inclusive o Brasil que a gente tem menos dificuldade nisso, formou no ensino médio, 18 aninhos, tchau, beijos, benção, 2 anos fora. Vai fazer intercâmbio, vai ficar em outro lugar, vai morar, não importa o país.

Viva com outras pessoas, viver outras experiências e volte depois desses dois anos pra seguir tua vida. Porque, cara, tu vai ser outra pessoa.

(...) as duas tem um pouco a ver sim com desenvolvimento pessoal mas acho que um desenvolvimento mais acadêmico assim, mais a da AIESEC. Foi uma experiência muito, muito engrandecedora pra mim (...)

(...) um candidato ter uma experiência de intercâmbio, que passou por todos esses perrengues bons e saudáveis da vida, você vê que ele vai muito além de saber fazer um ppt., ele vai saber se virar. Ele pode não saber fazer ali naquele momento, mas ele vai aprender, ele pode fazer aquilo, é aquele voto de confiança.

E é uma coisa que eu pretendo fazer mais e, se for possível, e sempre buscar aprender. Me desenvolver. Dá vontade de não parar.

Exatamente, eu cheguei, atingi a meta e dobrei a meta. E assim, não dá vontade de você voltar.

Então a maior riqueza foi eu me conhecer como pessoa.

Hoje eu consigo ver que valeu muito mais, muito, muito, muito mais como um crescimento pessoal meu e de, enfim, de maturidade, do que pra, propriamente, para a língua, que foi a minha ideia inicial, que foi pra aperfeiçoar a língua.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A categoria **dificuldades encontradas no retorno** engloba problemas que os alunos encontraram ao voltar para seu país de origem, tanto acadêmicos quanto emocionais e pessoais, as quais são exemplificadas pelas falas do Quadro 33.

Quadro 33. Verbalizações para a categoria dificuldades encontradas no retorno.

(...) mas eu não tive nenhuma compreensão dos professores quando eu voltei da China, por exemplo, de cara na P1. Eu avisei a eles, antes, que eu ia, expliquei o que ia acontecer e quando eu voltei, que bom, você está com seis faltas, não pode faltar mais o resto do semestre (...) nem as faltas eles desconsideraram.

Então quando você volta você está muito diferente, sua experiência, sua maturidade, suas vivências lá (...) você volta pra sua realidade igual, mesma casa, mesmos amigos, mesma faculdade, mesmos problemas, mesmo trabalho. Então é muito louco, eu fiquei, eu demorei uns três, quatro meses, pra poder, assim, entender que eu tinha voltado pro Rio.

E um psicólogo na volta pra ajudar. E um psicólogo na volta pra dar uma segurada na onda assim, porque a gente volta muito perdida, muita coisa.

É meio viciante, meio depressivo quando volta assim (...) Acho que esse processo de volta pra mim é tipo, cara, porque que eu voltei?

Fonte: Elaborado pelo autor.

Foram relatadas em diversos momentos **características positivas do local de destino e da estadia** que resultaram nesta categoria, assim compreendendo os fatores específicos do estilo de vida local ou atributos do lugar em que ficaram. É interessante notar que houve vários relatos de questões de segurança dos locais, como se observa no Quadro 34.

Quadro 34. Verbalizações para a categoria de características positivas do local e da estadia.

(...) mas Beijing tem uma coisa de capital, uma coisa tradicional muito interessante. Eles eram capital desde o império, então... Você vira, do mesmo modo que você vira na França tem um museu, tem a casa de um filósofo da vida, você vira na China tem um templo maravilhoso, colorido, e uma arquitetura incrível.

Tem tanta coisa pra fazer no Porto que.. e muita coisa gratuita, que tinha uma qualidade de vida, um estilo de vida muito leve, muito fácil, muito bom. Então isso eu sinto falta todos os dias. O Porto também é muito bonito. Era muito ensolarado, eu acordava de manhã sabe, sem estresse. Aí tipo trocava minha roupa, o estilo de vida era bom. Saía da faculdade estava cedo ainda, aí eu ia pra casa, cozinhava minha comida, tomava o meu licor de gim, já ouvindo música, sabe?

Então assim, era um estilo de vida fácil, bom, até pra trabalhar e tal, tipo, era tranquilo. Então eu sinto muita falta, desses pontos.

Mas de modo geral, assim, não tem como comparar com o Rio de Janeiro em questões de qualidade de vida (...) Ainda mais na violência que a gente tá vivendo hoje em dia, é bisonho.

Salário lá dá dignidade.

Tem essa questão da segurança que hoje, é uma coisa que me afeta muito, estar aqui no Rio, essa questão da segurança, de não me sentir segura (...) Isso é uma coisa que eu fiquei tipo... que eu me sentia muito livre, eu me sentia muito bem comigo mesma de poder usar a roupa que eu quero, ou poder usar o que eu quero, poder comer o que eu quero. Dentro das minhas condições (...)

(...) eu era livre, sabe, eu podia andar na rua, não sabia onde é que eu tava eu podia usar meu GPS do celular entendeu?

Fonte: Elaborado pelo autor.

Foram relatadas muitas lembranças e situações características da vivência fora e, conforme se pode verificar nos comentários feitos sobre as impressões com a experiência, alguns alunos dão recomendações para que outros tenham uma experiência intercâmbio.

No estudo de Silva (2013), os alunos entrevistados atribuíram uma série de significados à experiência, dentre os quais, o fato de terem aprendido a ser mais independentes, melhoria na capacidade de se adaptar às mudanças e de comunicação, além do aprendizado de outro idioma e mais possibilidades de colocação no mercado profissional. Desta forma é possível perceber que as percepções dos alunos no que tange à atividade de intercâmbio são positivas, ou seja, as características percebidas na atividade são benéficas, havendo, então, grande aproximação dos resultados encontrados pela autora com os deste trabalho.

Embora, conforme já mencionado anteriormente, alguns estudos demonstrem que em termos de ganho de conhecimento acadêmico e conteúdo de disciplinas os alunos de mobilidade acadêmica nem sempre consideram ter tido benefícios expressivos, percebe-se que, tanto Silva (2013), quanto Eiras (2009), verificaram que os alunos que vem de intercâmbio ao Brasil fazem considerações positivas sobre o ensino, o modelo das aulas e outros aspectos, revelando efetivos ganhos acadêmicos. Ao se observar os relatos encontrados nesta pesquisa, tanto do representante da DRI entrevistado, quanto de um dos alunos que fez mobilidade acadêmica, sobre o intercâmbio aumentar a valorização do ensino do Brasil, e comparando-se com a visão dos alunos que são acolhidos dada por Silva (2013) e Eiras (2009), é possível ver evidências da qualidade da educação no País.

Ao todo foram encontradas 21 categorias diferentes, distribuídas de acordo com as unidades temáticas delimitadas, conforme é possível visualizar no Quadro 35.

Quadro 35. Síntese das categorias por grupo temático.

Motivações	Expectativas	Razões para escolha da instituição e destino	Contribuições para a formação acadêmica	Contribuições para o desenvolvimento pessoal	Dificuldades enfrentadas na preparação para o intercâmbio	Dificuldades enfrentadas durante o período de intercâmbio	Percepção sobre a experiência
Busca por desenvolvimento profissional	Expectativas positivas	Razões financeiras	Houve contribuição significativa	Relação com os outros	Dificuldades financeiras	Questões culturais	Impressão sobre o intercâmbio
Realização pessoal	Expectativas negativas	Idioma	Contribuição pouco relevante	Autoconhecimento e autodesenvolvimento	Dificuldades com a burocracia	Problemas na acomodação	Dificuldades enfrentadas no retorno
		Razões acadêmico-profissionais				Dificuldades na comunicação	Características positivas do local de destino e da estadia
		Características inerentes à localidade de destino				Questões de ordem pessoal	

Fonte: Elaborado pelo autor.

É interessante notar que, embora haja bastante congruência dos achados deste estudo com a literatura existente, no geral, foram definidas mais categorias dentro de cada grupo temático, acarretando em maior variedade de assuntos por grupo e melhor caracterização dos aspectos presentes dentro de cada tema. Assim, foi possível destacar os diferentes conjuntos de assuntos e subtemas advindos dos relatos dos entrevistados. Alguns exemplos são: a cisão da categoria idioma e categoria razões acadêmico-profissionais, dentro do grupo de motivações; a separação da categoria relação com os outros e da categoria autoconhecimento e desenvolvimento, no grupo de desenvolvimento pessoal; e, especialmente, a divisão em várias categorias feita no caso dos dois grupos relacionados com dificuldades enfrentadas.

Também foi possível encontrar categorias novas, as quais não foram identificadas em estudos com escopo similar ao deste estudo, como a categoria expectativas negativas e dificuldades encontradas no retorno. Certos aspectos presentes nesta última categoria, como a síndrome do regresso, que consiste na dificuldade de readaptação ao país de origem, levando a sentimentos de tristeza e solidão, estão descritos no estudo de Haines (2013).

Algumas das categorias definidas foram mais amplas, ou seja, englobaram mais aspectos do que os comumente encontrados na literatura existente. Um exemplo é a categoria de características inerentes à localidade, do grupo das razões para escolha do destino, na qual foram considerados, clima, porte da cidade, oportunidades de lazer, etc., além do interesse ou curiosidade pelo país e cultura de destino. Outro exemplo é a categoria questões de comunicação pois não se restringe ao fato de se ter problemas por não saber falar outro idioma, e inclui a forma da aproximação, dificuldades de encontrar pessoas para se comunicar e a fluência da comunicação em si.

O presente estudo também permitiu observar semelhanças e particularidades nos relatos daqueles que foram por mobilidade acadêmica da Universidade e dos que foram por algum tipo de agência de intercâmbio.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário de internacionalização das IES traz à tona diversos questionamentos, dentre eles sobre a validade e aproveitamento das experiências estudantis de mobilidade acadêmica ou sobre os resultados e impactos que a prática do intercâmbio pode ter para tais instituições. Diante de inúmeros desafios enfrentados diariamente pelas universidades federais é importante buscar dirimir as dúvidas, conhecer o que pensam os discentes e estabelecer políticas claras, de forma a aumentar o aproveitamento para tanto alunos participantes da atividade, quanto para os funcionários e a instituição em si. Com isto são viabilizados e bem direcionados os investimentos nas áreas envolvidas com processos de internacionalização dentre as quais as responsáveis pelo intercâmbio estudantil.

O setor da UFRJ responsável pelo intercâmbio, a DRI, mesmo frente ao número reduzido de funcionários e investimentos limitados, tem propiciado a oportunidade aos alunos, dentre os quais alguns do curso de graduação em Administração, de ter uma vivência em países estrangeiros e de conhecer outros ambientes acadêmicos, colhendo assim os frutos desta experiência. Entretanto, na maior parte dos programas ainda não há auxílio financeiro, e os próprios alunos e seus familiares precisam arcar com os custos da atividade, o que impossibilita o acesso de muitos, ou faz com que os alunos busquem nas agências de intercâmbio uma opção para que possam ter essa experiência, em função do período mais curto e consequente redução dos custos da estadia.

Aquém das críticas justas e relevantes sobre internacionalização, e da exiguidade de trabalhos que buscam compreender a visão do intercâmbio por parte dos estudantes no Brasil, é possível notar na literatura e pelos resultados obtidos com a presente pesquisa que a atividade, na percepção os alunos intercambistas, é positiva e válida em termos gerais, traz benefícios acadêmico-profissionais, e, é especialmente benéfica no que diz respeito ao desenvolvimento pessoal. Cabe uma reflexão sobre o que pode ser feito de modo a aumentar o aproveitamento acadêmico e, também, como os estudantes que tiveram a oportunidade de ir podem contribuir na construção de um espaço universitário de mais qualidade, diversidade e riqueza cultural.

Esta pesquisa objetivou apresentar as informações relevantes sobre o setor e o programa de intercâmbio da UFRJ, e as considerações dos discentes que fizeram intercâmbio relacionadas às contribuições, desafios e dificuldades da prática, sendo

assim, além dos dados documentais e relatos obtidos na entrevista com um representante da DRI, foram definidas 21 categorias, como resultado da análise de conteúdo realizada, distribuídas de acordo com suas relações com as unidades temáticas centrais. Há bastante concordância entre as categorias obtidas e o que está descrito na literatura existente de modo geral, observando-se por vezes o uso de expressões similares pelos entrevistados neste estudo e nos estudos de outros autores.

Foram, no entanto, obtidas mais categorias diferentes em cada grupo temático, em comparação com outros estudos. As categorias definidas, em alguns casos, abrangeram mais aspectos do que se costuma observar para categorias definidas por outros autores. Além disso, estabeleceram-se novas categorias. Espera-se que as categorias verificadas contribuam para uma maior compreensão dos aspectos presentes na visão dos estudantes e também com outras pesquisas afins.

Algumas das limitações neste estudo foram: a quantidade reduzida de alunos participantes, dada a dificuldade de se encontrarem indivíduos dentro do perfil delimitado e pela pouca proporção de alunos de Administração da UFRJ que fazem mobilidade acadêmica, e, os dados insuficientes e inconsistências em informações que restringiram o que foi disposto na caracterização do setor e programa de intercâmbio da Universidade em questão.

Os resultados deste trabalho podem ser complementados com estudos qualitativos sobre percepções do intercâmbio realizados em outras IES, ou com um estudo longitudinal sobre intercâmbio com o corpo discente da UFRJ.

6. REFERÊNCIAS

ALTBACH, P. G.; REISBERG, L.; RUMBLEY, L. E. Trends in global higher education: tracking an academic revolution. In: UNESCO World Conference on Higher Education, 2009. **Anais eletrônicos...** Paris: UNESCO, 2009. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001831/183168e.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

AMARANTE, J. M.; VERDU, F. C. Um levantamento de publicações sobre internacionalização de instituições de ensino superior. **Acta Scientiarum**. Maringá, v.37, n. 2. Jul./Dec. 2015. Disponível em: <<http://go-galegroup.ez29.capes.proxy.ufrj.br/ps/i.do?id=GALE%7CA442117342&v=2.1&u=capes&it=r&p=AONE&sw=w>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

BACHNER, D. J.; ZEUTSCHEL, U. Utilizing the effects of youth exchange: a study of the subsequent lives of german and american high school Exchange participants. **Council on International Education Exchange**, 1994.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In:_____. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002b. cap. 8.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. Construindo um corpus de pesquisa. In:_____. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002a. cap. 2.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 25 abr. 2018.

BRASIL. **Decreto nº 7.176**, de 12 de maio de 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>. Acesso em: 25 abr. 2018.

BRASIL. **Decreto nº 7.642**, de 13 de dezembro de 2011. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7642.htm>. Acesso em: 25 abr. 2018.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Administração**, de 13 de julho de 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2005/ces_23_2005.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2018.

BRASIL. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>. Acesso em: 25 abr. 2018.

CALVO, D. M. Globalización e internacionalización educativa: una historia institucional del programa ERASMUS, 1987-2014. **Ler Historia [Online]**. v.71, 2017. Disponível em: < <http://journals.openedition.org/lerhistoria/2885>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

CORREIA-LIMA, M.; RIEGEL, V. Movilidad académica made in SOUTH: reflexión sobre las motivaciones de los estudiantes brasileños y colombianos. **Magis, Revista Internacional de Investigación em Educação**. Bogotá, Out. 2015. Disponível em: < <http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/MAGIS/article/view/14408>>. Acesso em 30 abr. 2018.

DALMOLIN, I. S.; PEREIRA, E. R.; SILVA, R. M. C. R. A.; GOUVEIA, M. J. B.; SARDINHEIRO, J. J. Intercâmbio acadêmico cultural internacional: uma experiência de crescimento pessoal e científico. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, Mai./Jun. 2013. Disponível em: < <https://doaj.org/article/0d2e47fdc8ca4626926a9bb8c4d5e3c4>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

DALY, A. Determinants of participating in Australian university students Exchange programs. **Journal of Research in International Education**. v. 10, 2011. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com.ez29.capes.proxy.ufrj.br/doi/abs/10.1177/1028315304271479>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

DALY, A. J.; BAKER, M. C. Australian and New Zealand university student's participation in international exchange programs. **Journal of Studies in International Education**. v. 9, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com.ez29.capes.proxy.ufrj.br/doi/abs/10.1177/1475240910394979>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

EIRAS, A. L. **Os intercâmbios institucionais entre alunos de graduação e sua importância nas políticas de regionalização universitária**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais na Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2009.

FRANCO, M. L. P. B. Algumas ideias sobre as bases teóricas da análise de conteúdo. In:_____. **Análise de Conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2005a. cap. 1.

FRANCO, M. L. P. B. As categorias de análise. In:_____. **Análise de Conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2005b. cap. 6.

FREITAS, M. E, et al. Rotas de internacionalização acadêmica: caso EAESP/FGV. **Revista Ibero-Americana de Estratégia**. Vol. 15, n. 3. Jun. 2016. Disponível em: < <http://www.revistaiberoamericana.org/ojs/index.php/ibero/article/view/2341>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

GOMES, D. F. N., et al.. Âncoras de carreiras: revisão do conceito de mobilidade a partir de estudos com egressos do curso de Administração em dois momentos – 2007 e 2010. **Revista de Carreira e Pessoas**. São Paulo, v. 3, nº 1. Abr. 2013. Disponível em: <<https://doaj.org/article/f366d55fe5cf4da5a469af99c56cddfa>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

HAINES, D. "More aware of everything": exploring the returnee experience in american higher education. **Journal of Studies in International Education**. V. 17, 2013. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com.ez29.capes.proxy.ufrj.br/doi/pdf/10.1177/1028315311433207>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

HOOFF, H. B. V.; VERBEETEN, M. J. Wine is for drinking, water is for washing: student opinions about international Exchange programs. **Journal of Studies in International Education**. v. 9, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com.ez29.capes.proxy.ufrj.br/doi/abs/10.1177/1028315304271480>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

IIE, Institute of International Education. **Open doors 2014**: report on international educational Exchange. IIE, 2014. Disponível em: <<https://www.iie.org/Why-IIE/Announcements/2014-11-17-Open-Doors-Data>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

IIE, Institute of International Education. **Open doors 2017**: report on international educational Exchange. IIE, 2017. Disponível em: <<https://www.iie.org/en/Why-IIE/Announcements/2017-11-13-Open-Doors-Data>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

INTERCÂMBIO. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/interc%C3%A2mbio>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

KELO, M.; TEICHLER, U.; WÄTCHER, B. **Eurodata**: student mobility in higher education. 2006. Disponível em: <https://www.lemmens.de/dateien/medien/buecher-ebooks/aca/2006_eurodata_student_mobility_in_european_higher_education.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2018.

KIM, SJ. Leveraging process evaluation for project development and sustainability: the case of the CAMPUS Asia program in Korea. **Journal of Studies in International Education**. v. 21, 2017. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com.ez29.capes.proxy.ufrj.br/doi/abs/10.1177/1028315317696961>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

KISHUN, R. The internationalization of higher education in South Africa: progress and challenges. **Journal of Studies in International Education**. v. 11, 2007. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com.ez29.capes.proxy.ufrj.br/doi/abs/10.1177/1028315307304184>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

KRITZ, M. M. International student mobility and tertiary education capacity in Africa. **International Migration**. v. 53, 2013. Disponível em: <<https://onlinelibrary-wiley.ez29.capes.proxy.ufrj.br/doi/full/10.1111/imig.12053>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

LIMA, M. C.; MARANHÃO, C. M. S. A. O sistema de educação superior mundial: entre a internacionalização ativa e passiva. **Avaliação, Campinas**. Sorocaba, v. 14, n. 13.

Nov. 2009. Disponível em: <<https://doaj.org/article/4e4916290a754b2891365d2978568ad5>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

LÜDKE, M; ANDRÉ M. E. D. A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In:_____. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013. cap. 3.

MARANHÃO, C. M. S. A; DUTRA, I. I. C; MARANHÃO, R. K. A. Internacionalização do ensino superior: um estudo sobre barreiras e possibilidades. **Administração: Ensino e Pesquisa**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 1. Jan/abr 2016. Disponível em: <<https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/458>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

MARQUES, F. Experiência encerrada. **Revista Pesquisa FAPESP**, São Paulo, Jun. 2008. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2017/06/19/experiencia-encerrada/>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

MEDEIROS, C. R. O.; ANDRADE, A. D. S.; PASSOS, J. C. Marcas das experiências sociais e interculturais de estudantes em mobilidade internacional: dos laços de amizade aos “perrengues”. **Administração: Ensino e Pesquisa**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 2. Mai/ Ago 2017. Disponível em: <<https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/432>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo de estudos e intercâmbio**: orientações básicas. 2. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

MUTLU, S. Development of european consciousness in ERASMUS students. **Journal of Education Culture and Society**. n. 2, 2011. Disponível em: <<https://doaj.org/article/45220bbd8789452e875d486759b2c360>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

NEVES, C. E. B. Reforma e desafios da educação superior: o processo de Bolonha dez anos depois. **Sociologia e Antropologia**. 2011. Disponível em: <<https://doaj.org/article/acd57a343dba4d908b0795d76c539842?frbrVersion=2>>. Acesso em 30 abr. 2018.

NOGUEIRA, M.A. Viagens de estudo ao exterior: as experiências de filhos de empresários. In: ALMEIDA, A.M.F. et al. (Org.). **Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras**. Campinas: UNICAMP, 2004.

O'MARA, M. The uses of the foreign student. **Social Science History**. v. 36, n. 4, 2012. Disponível em: <<https://muse-jhu-edu.ez29.capes.proxy.ufrj.br/article/493217>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

OECD. **Education at a glance 2017: OECD indicators**. Paris: OECD Publishing, 2017. Disponível em: <<http://www.oecd.org/education/education-at-a-glance-19991487.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

PALMA, J. J. G. Movilidad estudiantil internacional y cooperación educativa en el nivel superior de educación. **Revista Iberoamericana de Educación**. n. 61, 2013. Disponível em: < <https://rieoei.org/RIE>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

PRADO, C.L. Um aspecto do estudo de línguas estrangeiras no Brasil: os intercâmbios. In: ALMEIDA, A.M.F. et al. **Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras**. Campinas: UNICAMP, 2004.

SANTOS, A. P.; DIAS, H. G. Mobilidade acadêmica em perspectiva: experiências da Universidade Federal de Ouro Preto. **Revista GUAL**. Florianópolis, v. 5, n. 4. Dez. 2012. Disponível em: <<https://doaj.org/article/84bab819af4a4857ba5b39fddd390db?frbrVersion=2>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

SILVA, C. C. S. **Mobilidade corpórea de estudantes internacionais**: as motivações dos estudantes internacionais acolhidos por instituições de educação superior localizadas em São Paulo e Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Administração) – Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP, 2013.

SOLANAS, F. Intercambio cooperativo versus mercantilización competitiva: las políticas de movilidad académica en el MERCOSUR y la Unión Europea. **Revista Iberoamericana de Educación Superior**. N. 12, v. 5, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2007-28722014000100001&lng=en&nrm=iso&tlng=es>. Acesso em: 30 abr. 2018.

SPEARS, E. O valor de um intercâmbio: mobilidade estudiantil brasileira, bilateralismo e internacionalização da educação. **Revista Eletrônica de Educação**. v. 8, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://doaj.org/article/1fb66375857e47b79efd395f3b86f06a>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

STROUD, A. H. Who plans (not) to study abroad? Na examination of US student intente. **Journal of Studies in International Education**. v. 14, n. 5. Nov. 2010. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com.ez29.capes.proxy.ufrj.br/doi/abs/10.1177/1028315309357942>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

TRIVIÑOS, A. W. S. Pesquisa qualitativa. In:_____. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. cap.5.

UNESCO. **Education for sustainable development: sourcebook**. Paris: UNESCO, 2012. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002163/216383e.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

VERGARA, S. C. Análise de conteúdo. In:_____. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005. cap. 1.

APÊNDICE A

Intercâmbio Estudantil

A presente entrevista faz parte da pesquisa que visa investigar os impactos do intercâmbio estudantil na formação dos alunos de Administração de uma universidade pública federal. Tal pesquisa é parte integrante da monografia de final de curso de Administração da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

As informações obtidas serão analisadas sem identificação dos participantes envolvidos e poderão colaborar para a produção de novos conhecimentos sobre o tema, bem como gerar dados relevantes à Universidade sobre a atividade de intercâmbio.

Contamos com sua colaboração e agradecemos sua participação!

Luciana Braga Gomes – luciana.braga.gomes@gmail.com

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Bruno de Faria

Parte 1 – Sobre o intercâmbio estudantil e a DRI

- 1) Quais as contribuições do intercâmbio para a formação acadêmica do aluno de graduação em Administração?
- 2) Quais as contribuições do intercâmbio para o desenvolvimento pessoal dos alunos?
- 3) Quais as principais dificuldades relatadas pelos alunos participantes de intercâmbio?
- 4) Quais os desafios referentes à gestão do programa de intercâmbio da UFRJ?
- 5) Em que o programa de intercâmbio contribui para a UFRJ?
- 6) Qual a sua avaliação da legislação brasileira que regula o intercâmbio nas Instituições Federais de Ensino Superior?
- 7) Deseja acrescentar algo mais sobre o intercâmbio estudantil na UFRJ?

Parte 2 – Informações Gerais

Cargo:

Tempo na DRI:

Tempo na UFRJ:

APÊNDICE B

Intercâmbio Estudantil

A presente entrevista faz parte da pesquisa que visa investigar os impactos do intercâmbio estudantil na formação dos alunos de Administração de uma universidade pública federal. Tal pesquisa é parte integrante da monografia de final de curso de Administração da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

As informações serão analisadas sem identificação dos participantes envolvidos e poderão colaborar para a produção de novos conhecimentos sobre o tema, bem como gerar dados relevantes à Universidade sobre a atividade de intercâmbio.

Contamos com sua colaboração e agradecemos sua participação!

Luciana Braga Gomes – luciana.braga.gomes@gmail.com

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Bruno de Faria

Parte 1 – Sobre o Intercâmbio

- 1) Como foi a sua experiência de intercâmbio?
- 2) Quais os motivos que o levaram a fazer intercâmbio?
- 3) Quais foram as suas expectativas em relação ao intercâmbio e ao processo de intercâmbio?
- 4) Quais as principais razões para escolha da instituição e local de destino?
- 5) Quais as contribuições do intercâmbio para a sua formação acadêmica?
- 6) Quais as contribuições do intercâmbio para o seu desenvolvimento pessoal?
- 7) Quais as dificuldades enfrentadas para acesso ao programa e saída do país?
- 8) Quais as dificuldades enfrentadas no período de intercâmbio?
- 9) Caso tenha feito parte do programa de intercâmbio da UFRJ, quais são suas sugestões para o aprimoramento do programa?
- 10) Deseja acrescentar algo mais sobre sua experiência?

Parte 2 – Informações Gerais

Sexo: F() M()

